
REVISTA
DA SEMANA
N. 51 18-12-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil
CORONEL
ADIL:
DISCOS
VOADORES



Os Sabonetes
de
MYRURGIA

MADERAS • MAJA • SUSPIRO • LAVANDA

Diziam que estava americanizada, mas quando o médico recomenda um descanso prolongado em lugar amigo e tranqüilo, é para o Brasil que ela se volta ★ A grande e saudosa viagem de retôrno ★ «Boneca de Pixe» com Almirante no aeroporto de Congonhas e uma beijoca do «Brabosa» no Galeão, para curar todos os males ★ Moses, radiante: «Ser Gregório da Carmem é uma honra, meninos!» Os veteranos da «estrêla» choram de verdade

15 ANOS PASSARAM E

A SIMPATIA CONTINUA

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

A simpatia continua



CARMEM NÃO DEMONSTROU O MENOR SINTOMA DE DOENÇA AO CHEGAR. ESTAVA NERVOSA E RADIANTE POR REVER OS VELHOS AMIGOS.

O avião que nos devolveu Carmem, e em que também viajaram sua irmã Aurora e sua mãe dona Maria do Carmo, primeiro desceu em São Paulo: Foi no aeroporto de Congonhas que a artista voltou a sentir o contacto bom da terra brasileira, depois de treze anos de ausência, e foi lá também que as primeiras emoções do regresso se fizeram sentir, quando o velho Almirante, de cabelos grisalhos e bôlsas sob os olhos, mas sempre o mesmo e bom camarada dos tempos do Bando Tangará, lhe caiu nos braços, de olhos marejados e vozeirão a gaguejar:

— Carmem! Oh, Carmem...

Resultado: Apesar das proibições médicas (nada de emoções, de excessos!), Carmem e Almirante terminaram por cantar ali mesmo, no aeroporto paulista, a velha «Boneca de Pixe», de que ambos foram os criadores vai para vinte anos. Quando, de baixo de chuva, o aparelho baixou no Galeão e Carmem apareceu, amparada pela família, tôda em sobressaltos pelo choque emocional — e quando Barbosa Júnior gritou lá de baixo:

— Antes porém, o meu boa noite amável...

Carmem não resistiu: As lágrimas misturavam-se com o riso, e ninguém sabia mais se a queridona dos norte-americanos chorava ou ria. Talvez fizesse tudo junto. Mas que a beijoca do «Brabosa» fêz bem — fêz.

Nem todos os contemporâneos de Carmem Miranda foram recebê-la, em obediência ao apêlo por ela mesma feito, através do presidente da A.B.I.; Grande Otelo, por exemplo, ficou de fora:

— Se a moça vem para descansar, deixemos que ela descanse... Eu sei o que é isso!

O que não impediu a invasão dos apartamentos da família Miranda no «anexo» do Copacabana Palace, àquela noite mesma, pelos amigos mais íntimos. E a emoção da «estrêla» foi pela noite adiante, contrariando as determinações do médico norte-americano que lhe recomendou a viagem.

— Eu não esperava voltar ao meu Brasil dêste jeito... Sempre pensei fazê-lo de outro modo: Com uma camisa listada, num sábado de Carnaval, para cair no brinquedo e voltar pelo primeiro avião de quarta-feira de cinzas... Mas o destino mudou o programa...







O DESEMBARQUE DA «ESTRÊLA» FOI VERDADEIRA APOTEOSE. ALÉM DOS DA VELHA GUARDA UMA NOVA GERAÇÃO COMPARECEU À FESTA



Carmem foi sempre amiga sincera do Brasil e de suas coisas. Houve muita «onda» a respeito do estado de saúde da querida artista, mas, graças a Deus, os boatos não se confirmaram A «estrêla» continua a mesma, simpática ao extremo, bonitona ainda, se bem que um pouco abalada do sistema nervoso e do coração. Isso passará rápido, são os nossos votos sinceros.

A EMOÇÃO DOMINOU A "BONECA DE PIXE"





O PRIMEIRO A ENTRAR NO AVIÃO ENCONTROU CARMEM EM PRANTOS: ERA A EMOÇÃO DE VER DE NOVO O RIO E SUA GENTE AMIGA.

A cada instante, o anexo do Copacabana, o telefone reclamava Carmem para receber cumprimentos de outro «amigo velho». Ela não perguntava quem era, corria para o aparelho e acabava chorando:

— Na hora da doença séria é que eu senti a falta do meu Brasil! Corri de volta, já que era preciso descansar...

A prometida entrevista coletiva, domingo à tarde, foi cancelada também por imposição médica. As primeiras emoções do regresso só fizeram mal à doente, mas quem sofreu as conseqüências foi o Moses, que acabou sendo chamado o «Gregório da Carmem Miranda». Longe de se ofender, o velho Moses deu dois pulinhos e piscou prá nós:

— Ora, até que é bom... Quem não desejaria ser o Gregório de uma pequena notável, meninos! Vocês estão é com dor de cotovelo...

E a turma estava mesmo. Pois cada qual buscava um jeito de tirar sua lasca de popularidade à custa da popularidade maior de dona Carmem, vamos falar com franqueza.

A doença da artista que tanto fêz pela divulgação da música popular brasileira nos Estados Unidos, daí se irradiando em bitola larga para o mundo inteiro, é apenas essa: cansaço físico, extenuação, nervos descontrolados, metabolismo em desgovêrno... e já não é pouco! O enfraquecimento de Carmem vinha se acentuando de ano para ano. Rádio, televisão, teatro e buates roubavam-lhe a vitalidade. Sempre que precisava dar conta de um contrato, Carmem ia descansar na praia ou na montanha. Agora que o mal aumentou exigindo cura mais demorada, correu de volta para o Brasil — o Brasil que lhe deu o título de a primeira sambista do seu tempo, a maior, quase a única...

Enfim, quinze anos passaram e o mundo quase virou pé com cabeça nesse «curto espaço de tempo» só uma coisa permanece invulnerável ou talvez ainda mais acentuada: A simpatia de Carmem.





OS OLHOS NÃO SECAVAM MAS UM SORRISO ENFEITOU, DEPOIS, O ROSTO DAQUELA QUE LEVOU A MÚSICA DO BRASIL AO EXTERIOR.

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 ★ Nº 51 ★ RIO DE JANEIRO ★ 18-12-54

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR .... Gratuliano Brito
REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
SECRETÁRIO .... Lúcio Cardoso
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Peter Müller, Paulo Soledade, Paulo de Andrade Lima, Antão Pedroso, Hélio Abreu, Hugo Rodolfo, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Oliveira Bastos, Demóstenes Varela e Bernardo Ludemir.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramon, Fortuna, Darel e Maria Teresa.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

A simpatia continua 3/6
Há uma rainha na Casa dos Açôres 8/9
Não foi vingada a morte de Imparato 12/14
O «glamour» na intimidade 16/17
Chaplin na Europa 20/21
Luta contra o monstro 23/25
Ecos de uma tragédia 46/47
Habitantes de outro planêta 52/55

● SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Rádio 11
Flash Paulista 18
Show 19
Femininas 28/31
Por êsse mundo de Deus 40/41
Literatura 43
Cinema 44/45
Música 50
Flash Carioca 56
Champanhota 57
Último flash 58

● LITERATURA

Crônica 7
Podridão 26/27
Maria 32/33

● HUMORISMO

Fortuna 30/31

● CAPA

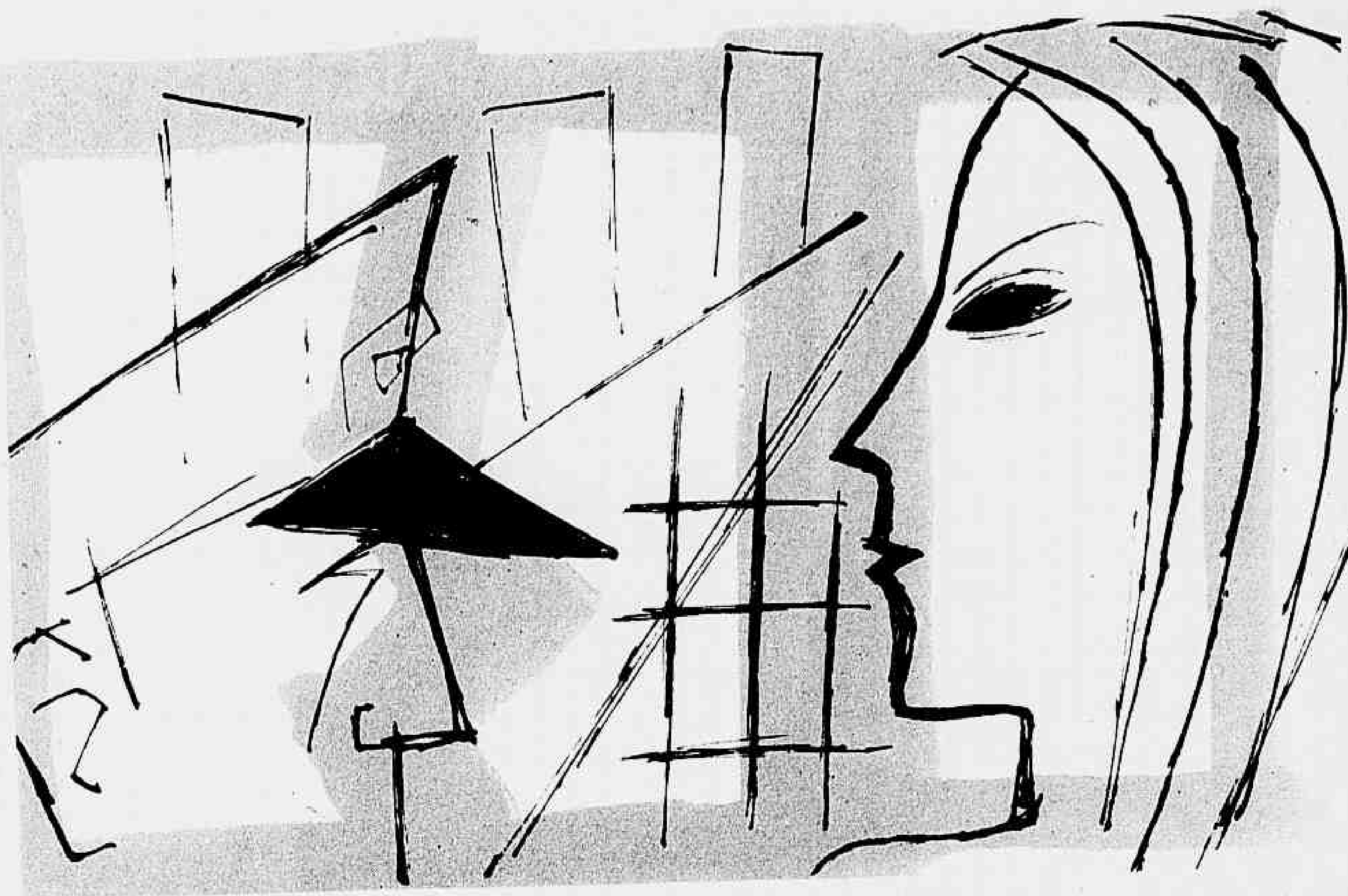
Piper Laurie (U. International)

NO PRÓXIMO NÚMERO

«REVISTA DA SEMANA» DE NATAL

Trazendo como brinde um completo calendário a côres e farta matéria alusiva à grande data, com colaborações e ilustrações especiais. Não percam a próxima «REVISTA DA SEMANA» DE NATAL.

Êste número consta de 60 páginas.



Desenho de HILDE WEBER

DESTA ÁGUA NÃO BEBEREI

ADALGISA NERY

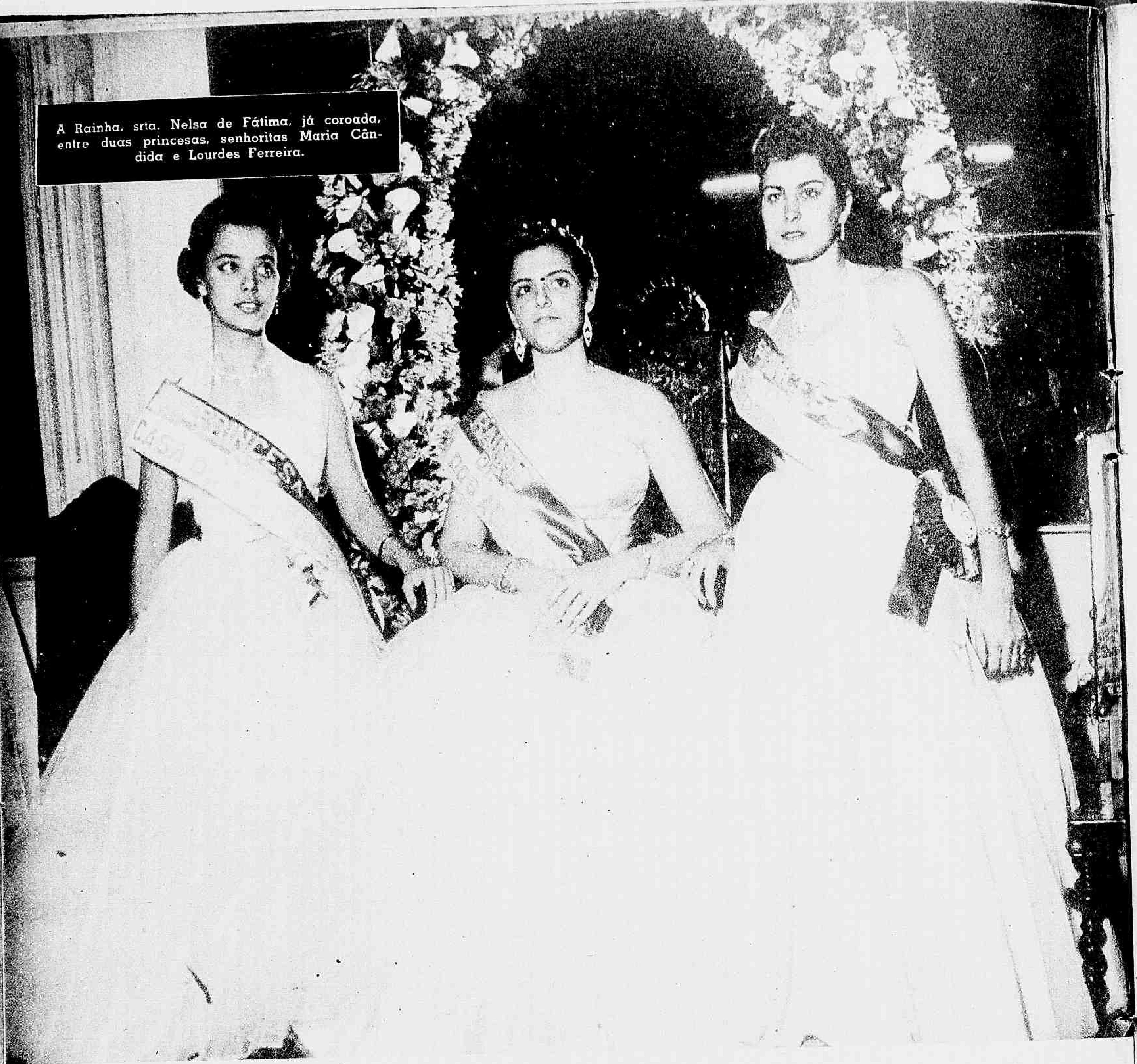
NÃO há nada com maior fôrça de humilhar as palavras e as ações dos homens do que a vida. A prudência deve estar em não afirmar que nunca faremos uma determinada coisa e nunca recuaremos ou modificaremos a nossa conduta. Eis porque bôcas pre cavidas aconselham: — «Jamais digam, dessa água não beberei, nem dêsse pão não comerei».

● Há oito meses o inspetor O'Haire do Departamento de Costumes da polícia de uma cidade norte-americana participou e comandou uma batida num centro de perversão, detendo a jovem Mary, de vinte e poucos anos, que foi pelo zeloso funcionário, impiedosamente fichada e classificada como a mais abjeta das mulheres.

Enquanto a jovem estava sob os rigores da polícia, levada à sala de dactiloscopia, fotografada em todos os ângulos e marcada indelèvelmente para o resto dos seus dias, a vida maliciosamente escondida nos acontecimentos, resolveu desmoralizar a valentia do grande homem que manejava os direitos de humilhar e pisotear a alma da infeliz. Tôdas as vêzes que o sr. O'Haire passava pela frente da pobre Mary, manifestando nojo e desprêzo, recebia da prêsa um doce olhar. De repente o intrépido funcionário do Departamento de Costumes sentiu alguma coisa que o fêz parar e fixar a jovem. Parou. A vida já havia feito a sua tarefa divertida. Como seria possível apaixonar-se por uma mulher que êle mesmo havia classificado como a mais indigna, a mais pervertida e a mais destituída de sentimentos? Assim deve ter pensado o nosso desumano vigilante da lei. Mary não dizia uma palavra. Apenas olhava com doçura.

● Hoje, oito meses depois ela recebeu dentro de todos os processos legais, o sobrenome dêsse funcionário. E' agora Mme. John T. O'Haire. Com a capacidade de perdoar e o manancial de carinho que só uma mulher possui, ensinou a jovem ao seu intrépido marido que a vitória da fôrça, pode estar na derrota de quem usa apenas amor e perdão e que a paz e a felicidade têm fôrças para transformar os sêres condenados às culpas mais pesadas, à redenção e ao bem.

● Antigamente dizíamos que o castigo vinha a cavalo. Hoje, na época da velocidade podemos fazer uma pequena modificação e dizer que o castigo vem a jacto de acôrdo com o impulso e a sofreguidão da vida. E foi o que aconteceu ao investigador americano. Aprendeu com Mary que existe uma fôrça que demove universos: o amor.


A Rainha, srta. Nelsa de Fátima, já coroada, entre duas princesas, senhoritas Maria Cândida e Lourdes Ferreira.

HÁ UMA RAINHA NA


A Rainha e o presidente da Casa dos Açôres, sr. João Soares de Medeiros.


A coroa e as faixas, são conduzidas pelas senhoritas Leila Condinho e Otília Leite.


A princesa Maria Cândida dá entrada no salão, pelo braço de seu padrinho.

DESFILE DAS BELDADES AÇOREANAS E COROAÇÃO DA SENHORITA NELSA DE FÁTIMA ÁVILA ★ TAMBÉM DUAS PRINCESAS ★ PERSPECTIVAS PARA UM GRANDIOSO CERTAME

UMA das mais novas instituições portuguêsas do Rio, a Casa dos Açôres, vem de celebrar a eleição da sua rainha, eleita pelo grande corpo de associados, após renhida competição, entre seis concorrentes, cada qual mais séria. Aqui estão sugestivos flagrantes batidos por ocasião da memorável festa, na sede da Casa dos Açôres, à Avenida Melo Matos, mostrando ao leitor o que foi essa bonita parada de beleza e elegância. Foi aclamada rainha, por maioria de votos, a srta. Nelsa de Fátima Ávila, agora representante oficial da beleza açoreana.

O êxito dêsse empreendimento vem de sugerir aos nossos confrades da «Voz de Portugal», a realização de um grande certame, que se estenderá por todos os Estados, para a proclamação da Rainha da Colônia Portuguêsa, iniciativa de larga projeção, a realizar-se pela primeira vez no Brasil. Por enquanto, delineam-se a estrutura geral e alguns detalhes da idéia que teve, desde logo, a melhor aceitação por parte das muitas instituições lusas difundidas na capital e pelos Estados. Tudo faz crer que no transcurso de 1955, o Brasil mande a Portugal a representante majestosa da família lusa domiciliada em nosso país. E para a lembrança dessa iniciativa, bastante contribuiu a coroação, agora feita, da Rainha da Casa dos Açôres.



A Rainha da Casa do Pôrto, srta. Wilma Ferreira, coroando a Rainha da Casa dos Açôres.

CASA DOS AÇÔRES



O presidente João Soares de Medeiros colocando a faixa na Rainha



O presidente distribui lembranças à Rainha e demais candidatas.



Trocam-se alegremente, brindes de honra com a Rainha e as Princesas.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Em que ano nasceu Caracalla, imperador romano:
— **Em 300?**
— **Em 1.000?**
— **Em 188?**

2—Quem foi Xerxes:
— **Rei dos Midas?**
— **Filósofo?**
— **Rei da Pérsia?**

3—A quem se atribui a invenção do alambique:
— **A um sábio português?**
— **A um mouro de Espanha?**
— **A um navegante italiano?**

4—Por quem foi Alcebíades condenado à morte:
— **Pelos romanos?**
— **Pelos atenienses?**
— **Pelos persas?**

5—Em que ano descobriu Guttemberg a imprensa:
— **Em 1600?**
— **Em 1200?**
— **Em 1430?**

6—Que é a «cogula»:
— **Veste de artista?**
— **Túnica de soldado?**
— **Hábito de religiosos?**

7—Qual a cidade conhecida como a de «cem portas»:
— **Mênfis?**
— **Tebas?**
— **Cairo?**

8—Onde fica situada a gruta de Fingal:
— **Ao sul da Inglaterra?**
— **Nas costas da Alemanha?**
— **Ao norte da Escócia?**

9—Qual a profissão de Teramenes:
— **Poeta?**
— **Soldado?**
— **Filósofo?**

10—Depois de Júditer, qual o planêta que vem logo a seguir, na ordem da distância do sol:
— **Saturno?**
— **Vênus?**
— **Mercúrio?**

11—Qual o significado das palavras gregas que compõem a expressão «antípoda»:
— **Cabeça voltada?**
— **Oposto?**
— **Contra os pés?**

12—Qual o imperador que primeiro introduziu imagens nos templos de Roma:
— **Áppio Cláudio?**
— **Nero?**
— **Augusto?**

13—Penélope de quem era filha:
— **De Júpiter?**
— **De Ícaro?**
— **De Plutão?**

14—Que era Zêuxis, que viveu quatro séculos A.C.:
— **Poeta?**
— **Filósofo?**
— **Pintor?**

15—Quem é o autor das «Memórias da rua do Ouvidor»:
— **Macedo?**
— **Alencar?**
— **Bernardo Guimarães?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: — 1 — Em 188; 2 — Rei da Pérsia; 3 — A um mouro de Espanha; 4 — Pelos atenienses; 5 — Em 1200; 6 — Hábito de religiosos; 7 — Tebas; 8 — Ao norte da Escócia; 9 — Filósofo; 10 — Vênus; 11 — Contra os pés; 12 — Áppio Cláudio; 13 — De Icaro; 14 — Pintor; 15 — Macedo.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — «Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME..........................
RUA.................. Nº. .....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



A ENFERMEIRA...

● Ela tem sempre um ar de compreensão inteligente nos olhos claros. Uma boa vontade permanente. A decisão consciente de quem sabe que dói mas é preciso... Gosto assim de olhar a enfermeira, sincera nas suas atitudes, boa no seu sorriso confiante. Alacre sem ruídos desnecessários, servindo à causa do bem comum, com uma disposição de heroína moderna, combatendo, ora as angústias de um coração que rateia, por vêzes a incerteza de um cérebro perturbado ou as dores físicas de quem se julga dentro da vida perdido sem remissão.

As enfermeiras são assim como que sóes de um dia novo, despertando para as iluminuras de um amanhã que é sempre promissor, porque é amanhã. Como é o nome da enfermeira? Zefinha, Nilza, Elzi? Não interessa. Que vale um nome na concretização ou negação de uma atitude? Assim como em geral o padre é para os humildes, sempre o seu padre, a enfermeira será sempre — enfermeira!

Diabo. A Jovita é doida. Pra que que foi copiar aqui êste negócio de enfermeira? Talvez porque as enfermeiras representam compassos de espera, de vida melhor, na eterna canção que o asfalto sempre canta.

JOVITA DA CONCEIÇÃO

TEATRO FOLCLÓRICO BRASILEIRO

(BRASILIANA)

● A Jovita sabe, sempre lembra com saudade e conta o nascimento dêsse negócio chamado Brasiliana, agora nas Orópa. Me lembro muito bem. Foi quando meu primo, o Grande Otelo, acabou a temporada com o Válter Pinto, em São Paulo. Era janeiro e a vida era bela! O folclórico tava dando duro ali no Teatro Ginástico, auxiliado pelo Solano Trindade, o Dirceu e outros de boa vontade. A Jovita se lembra até quando o Grande Otelo recebeu o «cachet» que todos recebiam, quinze cruzeiros, porque, dizia êle, não queria ser diferente de ninguém.

Depois, seu Askanasy foi pra São Paulo, ficou lá um tempão, mostrando pros grã-finos de lá, a graça do crioléu cantando e dançando... O negro Pão, tava lá e foi com a turma pra América do Sul — Uruguai, Argentina, Chile... Foi no Chile que houve uma bronca e o João Elísio voltou repatriado... Voltara à Argentina onde mais gente desistiu inclusive o negro Pão — êsse mesmo de «Esta vida é um Carnaval» do Carlos Machado. Voltou contando que o negócio não tava bom porque o seu Askanasy fazia o pessoal trabalhar na base de casa e comida... Foi lá em São Paulo que o moço Bréa, moço honesto, filho de distinta família de médicos, entusiasmou-se e foi-se com seu Askanasy...

O moço Italo, qui também foi, voltou aqui, levou pra lá gente que faltava...

De tôdas as vêzes as notícias são tôdas côr de rosa na imprensa, havendo apenas uma censura às autoridades, por causa de subvenção... A Jovita acha que o seu Askanasy tem razão; porque quando êle saiu daqui, registrou os «artistas» na censura, sindicalizou todos êles e quanto ao impôsto de renda saiu muito legal também. Isto sem falar que registrou os contratos no Ministério do Trabalho e depositou a passagem de volta de todos também.

Disculpe, dr José César Borba, mas a Jovita acha que não é justo deixar o seu Askanasy lá no estrangeiro sem dinheiro do Brasil. Êle é estrangeiro também, a Jovita sabe, mas levou lá prá fora pagando salário de mêdo uma porção de brasileiros que estão muito satisfeitos. Si o senhor quiser saber, é só perguntar a êste moço Italo que chegou agora pra buscar mais gente.



EDMIR MACHADO — Muito moço ainda, Edmir Machado revelou-se com um completo talento histriônico, imitando vários artistas de teatro e de cinema, entre êles, notabilisou-se pelo seu trabalho como Al Johnson, o que valeu, recentemente, um magnífico contrato na televisão.



Fernando Lôbo



Linda Batista

NOTICIÁRIO

★ A Jovita não gosta do tal de dr. Infezulino. Mas o que tá errado, tá errado. O homem tem no ar um programa de sucesso, que é negócio de nervoso. Por que então não fizeram ô menos uma gravação do tal de Neurastênico, com êle? Tem uns troços que a Jovita não intende mesmo...

★ Tá bom? A Jovita é quem tá certa. Agua parada, cria limo. Até bem pouco, o seu Milton Paz também era água parada. De vez em quando, fazia uns movimento no Carnaval (saudades do Pirolito), dizia que tinha estudado televisão na América — e só. Agora, não. O moço saiu de diretor da nova fábrica de discos Santa Anita e diz que vai em frente! A Jovita fica muito contente, sabe, seu Milton. Ela conhece o senhor desde lá na Urca (oh, que saudades!).

★ Não tá certo, não! A Jovita, bisolutamente não concorda. Cadê os discos que a gente quer comprar quando os cronistas dão conselho a favor? A Jovita foi em diversas casas, procurou êles e neca. Tá isgotado. E o mais gozado é qui os qui mais isgota, são os brasileiros. Abacaxi estrangeiro não falta! Quando não é isgotado, inda não rèceberam. Quê qui há com as fábrica, moços?

★ Tem uns camarada e umas moças no negócio de arte, que são formidáveis. O retrato dêles sai nas revistas, êles dão opinião a respeito de uma porção de coisas, recebem homenagens. Mas a Jovita vai ver onde é que êles e elas estão trabalhando, não estão. Cá na opinião da Jovita isso tá tudo errado.

★ O progresso é natural. Foi pensando assim que o Tito, que era e é bateria da companhia do seu Colé, qui tá lá em São Paulo, resolveu cantar também. Faz até a Jovita lembrar o falecido Salvador Casado — cantando no entreato da peça. O Tito canta «o Parangolé» de autoria do Porfírio, tendo o Colé na parceria. Parabéns e sucesso, Tito!

★ Rose Garden é o nome da nova buate do Leme. Proprietária, Madame Janot. Atração, Linda Batista. U... lá... lá...

★ Ainda o Teatro Folclórico (Brasiliana). O Italo, faixa do seu Askanasy, contou pro negro Pão da Sônia, e o negro Pão da Sônia contou prá Jovita, que a negra Nair divorciou-se do Roberto ritmista e casou-se com o José Prates bailarino. Tudo isso lá na França. Agora o Miécio Askanasy está em Estocolmo sem o Gilberto Bréa que ficou em Berlim, e sem o Italo, que veio pro Brasil.

★ O meu primo lá do Casablanca me contou que o «show» estreou com um sucesso danado, apesar da agitação do Fernando itinerante Lôbo e a maledicência de alguns. Foi tudo bem. O guarda-roupa, a orquestra, as luzes, tudo. Só no «script» foi que o negro Grande Otelo baralhou umas frases e ficou meio chato. Mas o meu primo me contou que o negro já acertou o passo e tá tudo legal. Formidável!

★ Foi a festa dos Sindicatos dos Músicos. Muita luz, muito colorido, oito orquestras. Waldzengue! A Jovita não foi e levou um puxão de orelhas do velho Lira, trombone, Flamengo e presidente do sindicato. Salve o Lira!



O júri que não condenou os matadores do delegado Imparato decorreu monótono e sem grande vibração. O promotor fêz uma acusação leve, sem grande brilho, nem grande trabalho, e o juiz, com o aspecto de cansado, assistiu impassível a reunião, retirando-se da sala, no momento em que o representante do M.P. pedia justiça.

A sociedade não vingou a morte do delegado de Caxias, Albino Imparato, nem do seu capanca Bereco, assassinados no ano passado, por tiros de metralhadora. O crime abalou a opinião pública do país, o Congresso Nacional, os bastidores políticos da República, o govêrno do Estado do Rio de Janeiro, a vida do deputado Tenório Cavalcânti, mais uma vez da cidade de Duque de Caxias, e na hora da apuração exata das culpas e participações do crime, nada foi claramente apurado. Quem matou Imparato e Bereco?

Foi Pedro Tenório?

Foi Naval?

Foi Cícero Tenório?

Foi Wilson?

Foi o deputado Tenório Cavalcânti?

Houve inquérito policial, inquérito judiciário, júri e, oficialmente, nada ficou esclarecido. Pedro e Cícero Tenório, os dois apontados como implicados e executores do crime, a mando do deputado Tenório Cavalcânti foram submetidos a júri e absolvidos pelos representantes da sociedade e da família de Caxias — o primeiro por 6 votos contra 1 e o segundo, por 4 contra 3.

Caxias, viveu, nos dias 31 de novembro e 1º de dezembro, horas dramáticas, esperando-se, a qualquer momento, um desfecho sensacional da história encoberta, com uma declaração, perante o júri, dos dois implicados, ou com o uso da palavra, do deputado Tenório Cavalcânti, contando o que escondeu por ter a Câmara recusado licença para que êle fôsse processado. Mas, não houve nada disso.

Antes do encerramento da sessão, já os palpites eram certos, pela absolvição dos réus. E a justiça mais uma vez teria deixado de cumprir sua missão, pelas injunções políticas, e pelas imunidades parlamentares, que envolviam, para encobrir melhor a não apuração de culpas, o principal implicado.

O inquérito foi conduzido pelas autoridades policiais do Estado do Rio, visando antes do objetivo de esclarecimento do crime, a parte política. E, depois, os policiais estavam defendendo um companheiro de profissão, a quem tentavam inocentar. Ante o júri, ainda eram êles que garantiam a presença dos presos e a ordem no local.

● SESSÃO MONÓTONA E CÔMICA

A sessão começou monótona, no apertado salão do Júri de Duque de Caxias. A cidade tôda se agitou para presenciar o julgamento, mas não eram todos que podiam entrar no recinto. Um aparato, homens da Polícia do Estado do Rio, constituíam o «staff» principal de choque do coronel Barcelos Feio, armados com possantes metralhadoras automáticas, mostrando que ali se achava presente a fôrça policial, para que os jurados decidissem de acôrdo com sua vontade.

Quanto ao mais, não havia nada. Os jurados, o representante do Ministério Público, o juiz, o encarregado da defesa tomavam guaraná, e a austeridade normal do júri, era quebrada por situações cômicas, que

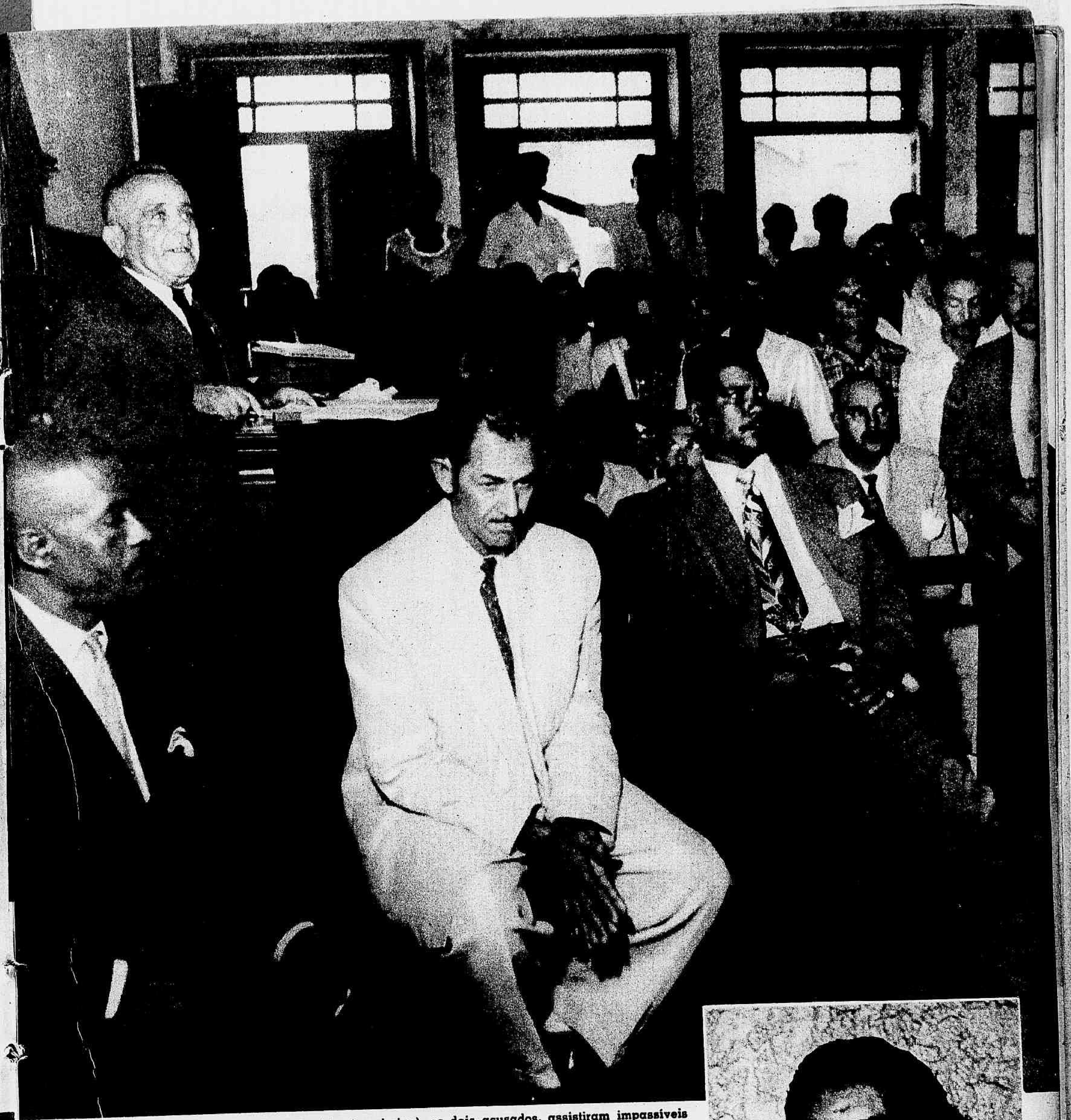
“Faroeste” fluminense

NÃO FOI VINGADA A MORTE DE IMPARATO

Aspecto do júri — Rememorando o crime — Defesa e acusação — Pedro Tenório — O julgamento de Cícero — A absolvição

Texto de BERNARDO LUDEMIR

Fotos de A. VIEIRA





Pedro Tenório (em cima) e Cícero Tenório (em baixo), os dois acusados, assistiram impassíveis e certos da absolvição, ao júri. O advogado da defesa, que aparece atrás de Pedro, usou uma argumentação forte, apresentando o livro de memórias do deputado Tenório Cavalcânti, como prova contundente de sua responsabilidade, pela morte de Imparato, então delegado de Caxias.

apareciam a cada momento. Era um fotógrafo que disparava seu «flash» e fazia o povo rir, era um aparte do advogado de defesa à acusação do promotor, era a distribuição do livro de memórias do deputado Tenório Cavalcânti, que a defesa usou, para responsabilizar o truculento deputado como autor do crime, ou a própria atitude dos jurados, que não vestiam toga e não prestavam a devida atenção ao decorrer dos debates.

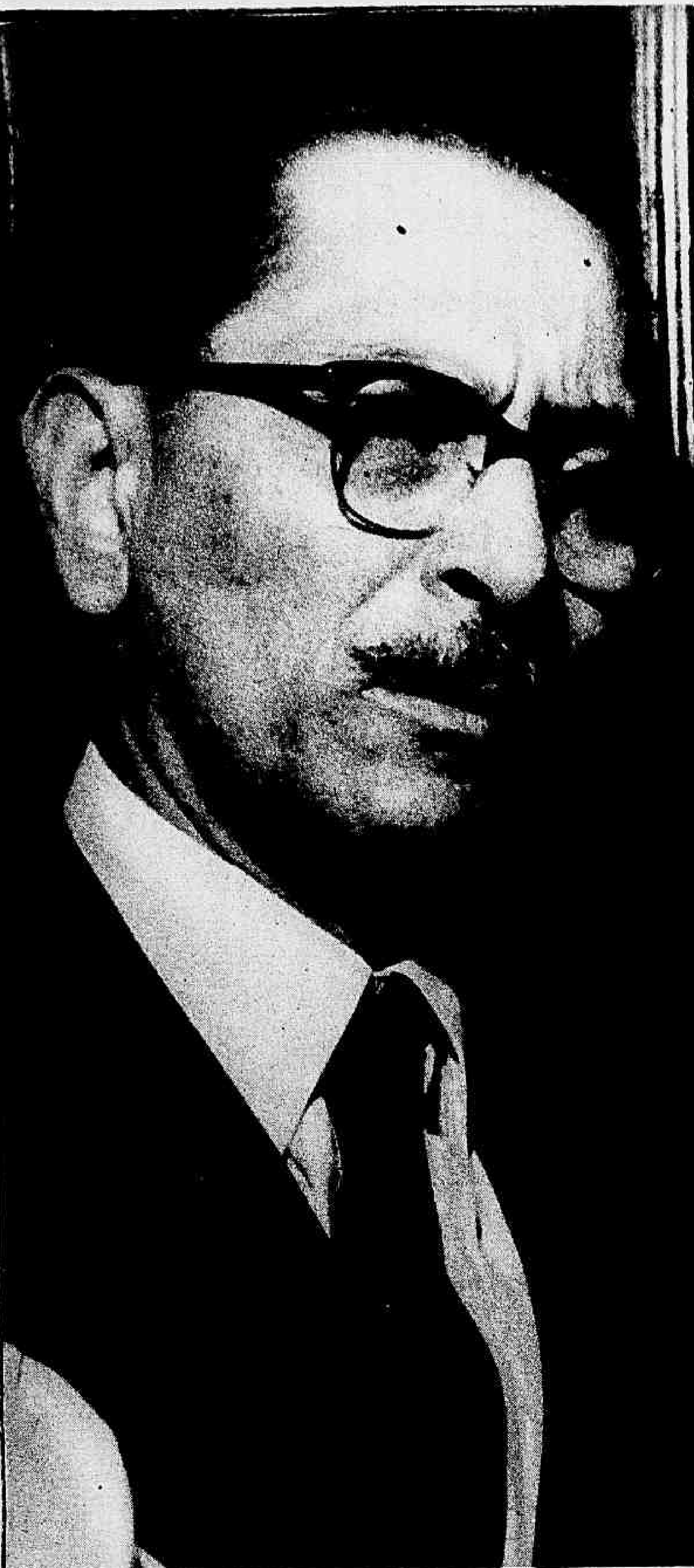
Ou então, era o próprio deputado Cavalcânti, que, alto, dizia ao repórter, coisa que segundo êle, anulariam o processo, a qualquer momento.

● PEDRO TENÓRIO ABSOLVIDO

O primeiro júri foi de Pedro Tenório. O advogado arrolou Cícero como sua testemunha, e êle, como testemunha de Cícero. Foi êsse um instrumento jurídico que o advogado Edmar Lopes encontrou e considerou muito importante. O promotor, depois da qualificação dos reus e de ouvir as testemunhas, que eram, além de Cícero, só uma a amante de Pedro, Angela Rossini, fêz a sua acusação. Qualificou-o como co-autor do crime, do qual era responsável o deputado Tenório Cavalcânti. Na hora em que, solenemente, pediu justiça, com a condenação do réu, o juiz estava ausente da sala.

Depois falou o advogado da defesa, Edmar Lopes, que pronunciou discurso escrito, alegando que a exiguidade do tempo forçava-o àquilo, para que não deixasse de dizer o essencial à defesa. Só para afirmar isso, entretanto levou mais de dez minutos. Doutrinou sôbre as imunidades parlamentares, que impediam, ali, a presença do deputado Tenório Cavalcânti no banco dos reus, firmando sua conceituação, e segundo o deputado acusado, fêz mais a defesa do juiz de direito de Caxias na época do crime, do que dos acusados.

Afirmou que Pedro não cometeu o crime. Fôra a Caxias, onde não ia há muito tempo, para visitar Te-







O deputado Tenório Cavalcânti e o delegado Wilson Fredericci, substituto de Imparato em Caxias, na época do crime. São dois grandes inimigos que sentaram juntos, no júri. Em baixo, o deputado fluminense transmite ao juiz e ao promotor, suas impressões sôbre a reunião.

nório, por causa do atentado por ele sofrido na Associação Comercial. Foi convidado então, para dirigir o carro, no qual viajaria o deputado, sob a alegação de que êle estava com o braço avariado e não podia dirigir. Não sabia, absolutamente, o que iria acontecer, quando sentiu os dois carros se depararem e viu a rajada de metralhadoras partida do banco de trás, teve a impressão que fôra deflagrada pelo deputado.

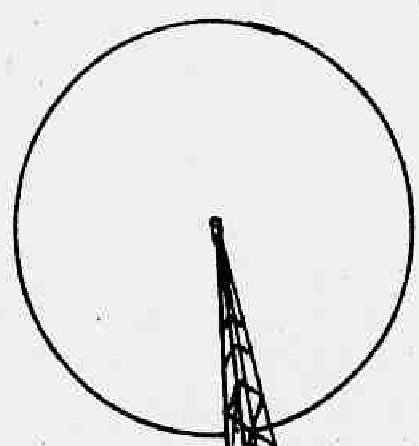
Cícero Tenório dormia, quando aconteceram os disparos. Acordou e não viu quem os fêz.

Pediu a absolvição do réu e arquivamento do processo, porque o principal responsável pela morte de Imparato não podia se sentar no banco dos reus. Sua oração foi interrompida pelo juiz, que suspendeu a sessão, para que os jurados pudessem almoçar. Nosso fotógrafo quis fotografar o almôço, mas o oficial de justiça disse que, se houvesse fotografias, seria quebrado a incomunicabilidade e êle não poderia lavrar sua certidão. Mas, durante o júri, sob os olhos do juiz, êles podiam conversar, às vêzes, até mesmo com os jornalistas.

E, finalmente, depois de 9 horas de sessão, com réplica e tréplica, Pedro Tenório foi absolvido por 6 votos contra 1, pela morte de Imparato, e por 7 a 0, pela de Bereco.

● CICERO LIVRE ●

No dia segunte, com um atraso de uma hora, no início do júri, foi julgado Cícero Tenório. Houve modificações em alguns jurados e com a mesma tática de acusação e defesa, o mesmo advogado e o mesmo promotor, foi Cícero absolvido por 4 votos contra 3.



um grande e feliz ANO NOVO!

1955

levará mais longe a mensagem da

Rádio Mayrink Veiga

pelas **ONDAS CURTAS!**

A MAYRINK CONTA COM O PRESTÍGIO DESTES GRANDES ANUNCIANTES

A **Cedofeita,**
A Chimica Bayer,
A Exposição,
A Triunfante,
Agua Sanitária Super Globo,
Agua Sanitária Gato Prêto,
Antisardina,
Arsenal do Povo,
Atlantic,
Biotônico Fontoura,
Bombril,
Café Adonis,
Café Cruzeiro Extra,
Café Serrador,
Camisaria Fim do Mundo,
Camisaria Progresso,
Carlos Pereira Ind. Quimicas,
Casa Camelo,
Casa Granado,
Casa José Silva,
Casa Neno,
Casa Nunes,
Cervejaria Sul América,
Chiclets Adams,
Coca-Cola,
Colgate-Palmolive,
Colúmbia do Brasil,
Cia. Antártica,
Cia. Carris Luz e Fôrça,
Cia. Cervejaria Brahma,
Cia. Dyrce Industrial,
Cia. Comercial e Comércio Glossop,
Creme Pond's,
Detefon,
Esperança de Barros Costa,
Gessy,
Kolinos,
Lab. Cruz Verde,
Lab. Jesa,
Lab. Moura Brasil-O. Rangel,
Lab. Panfarma,
Labs. Raul Leite,
Lab. Tricomicina,
Leite de Beleza Angélica,
Leite de Rosas,
Lever,
Lingérie Valisere,
Lojas Ducal,
Lojas Nocar,
Lojas Palermo,
Mate Leão,
Nata,
Nescafé,
Óleo de Lima,
Óleo de Peroba,
Organdi Paramount,
Panair do Brasil,
Pasta Forhan's,
Penzoil,
Perfumaria Lopes,
Perfumaria Sandar,
Ponto Frio,
Quinta Avenida,
Ron Merino,
Sacha's Seven to Seven,
Standard Oil,
Sind. Nac. Emp. Navegação Marítima,
Soc. Vermitônicas Ltda.,
Tapeçaria Souza Batista,
Toddy,
Tonelux,
Vinho Castelo,
Vinho Reconstituinte Silva Araújo, etc.

DIV. PRAG

PING-PONG

● Ilde Garavaglia, carioca, loura, 20 anos de idade, um metro e setenta, 53 quilos. Cursos ginasial e clássico. Filha de Antônio Garavaglia e Luisa Garavaglia. Dois irmãos, Renato e Bruno, cariocas. Papai e mamãe são de Milão, Itália, e estão no Brasil há 22 anos. Êle é químico industrial. Residem em Copacabana. Telefone: pois sim que eu digo!...

● CARACTERÍSTICAS PESSOAIS: Atualmente, é a jovem de sociedade mais requisitada nos «partys» e coquetéis. Todos dizem que se parece com a famosa «Gilda», mas nota-se muito mais suavidade nos gestos e no modo de falar de Ilde. Seus olhos são verde-amarelados, está sempre alegre, tem o porte de um manequim. Adora o automobilismo, a equitação e a natação. Não toca nenhum instrumento, apesar de ter começado a aprender piano. Também, não é necessário... Mas, vejamos o que ela nos respondeu:

O "GLAMOUR" NA INTIMIDADE

Simplicidade e graça de um brôto de Copacabana — Rita Hayworth e uma semelhança — Decoração, Natação, Equitacão, Automobilismo

Entrevista de SAMUEL AVERBACH

Fotos ARNALDO VIEIRA

Ping — Quantas línguas você fala?

Pong — Português, italiano, inglês e francês.

Ping — Qual o seu esporte favorito?

Pong — Prefiro a natação e a equitação.

Ping — Sabe cozinhar?

Pong — Um pouquinho.

Ping — Qual a profissão que lhe agradaria?

Pong — Já sou decoradora, e trabalho na decoração do apartamento de um amigo.

Ping — Como recebeu a notícia de ter sido eleita a «glamour girl de 54»?

Pong — Com enorme alegria, mesclada a um certo nervosismo.

Ping — Quantos países irá visitar, agora em abril?

Pong — Como prêmio, apenas a Argentina e, por minha conta, pretendo rever alguns países da Europa.

Ping — Como se sente em representar o «charme» da mulher brasileira na Argentina?

Pong — Isto seria pretender demais. Naturalmente, estou satisfeitíssima com o que me foi proporcionado.

Ping — O que pretende fazer com todos os presentes que ganhou?

Pong — Usá-los. E já estou fazendo tal.

Ping — Qual o que mais lhe agradou?

Pong — Todos êles foram magníficos e devo expressar meu agradecimento às pessoas que mos ofertaram.





Marilyn Monroe não me agrada de forma alguma. (E ao dizer isso, «Miss Glamour» sorri de maneira muito especial).

Ping — Quem é o seu maior fã?

Pong — O dr. Manuel Guilherme da Silveira.

Ping — Que acha de Marta Rocha?

Pong — Linda e muito simpática.

Ping — E de Marilyn Monroe?

Pong — Não me agrada, de forma alguma.

Ping — E de você?

Pong — Para responder à altura, preciso aprender muita coisa, ainda.

Ping — Por que você fuma?

Pong — Isto, para mim, já é um hábito.

Ping — Quantos corações já incendiou?

Pong — Creio que alguns...

Ping — Com vinte anos de existência, o que acha da vida?

Pong — Uma delícia.

Ping — Com quantas festas se faz uma «glamour-girl»?

Pong — Uma só é suficiente.

Ping — Qual a primeira coisa que faz, ao acordar?

Pong — Abrir os olhos (agradecendo a colaboração do irmão Renato).

Ping — O que vai pedir a Papai Noel?

Pong — Uma coisa que não me deu até hoje.

Ping — E o que é?

Pong — Segrêdo, entre eu e êle...

Ping — Vai sentir saudades do Rio?

Pong — Antes mesmo de viajar, já estou saudosa!

Ping — Você usa «glamour» o dia todo ou só em determinadas ocasiões?

Pong — Nem sei se uso...

Ping — Já recebeu alguma proposta de casamento?

Pong — Diversas. A mais recente foi uma carta de quatro páginas, com versinhos e outras coisas...

Ping — Quem é mais bonita: você ou a Rita Hayworth?

Pong — Ela, naturalmente!

Ping — Quantos italianos há na sua família?

Pong — Papai, mamãe e os avós.

Ping — Gostaria de dominar os homens como faz com os cavalos?

Pong — Por que não?

Ping — Quando garotinha, o «glamour» já a fazia notada na escola?

Pong — Eu era notada, mas por ser muito levada.

Ping — O que acontece quando vai à praia?

Pong — O mesmo que com as outras mocinhas...

(E aqui, o seu sorriso era ingênuo e cativante. «Duque», o nobre cão francês, arreganhou os dentes para o repórter, e êste julgou de bom alvitre dar por encerrada a entrevista).





Naturalmente Rita Hayworth é mais bonita do que eu. (Novo sorriso: digo isto, mas vocês não vão acreditando muito, heim?)

Ouça os melhores cantores do Brasil exclusivos da

RÁDIO RECORD

- Carlos Galhardo
- Carlos Galindo
- Dorival Caymmi
- Luiz Vieira
- Maurici Moura
- Nelson Gonçalves
- Osvaldo Rodrigues
- Roberto Amaral

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

HÉLIO ABREU


Matarazzo


Paulo Sampaio


Juscelino

● CERTO O APOIO DO PSD paulista a Juscelino. A secção de S. Paulo do PSD (300 mil votos) apoiará em janeiro próximo a candidatura do sr. Juscelino Kubitschek à Presidência da República, sejam quais forem as preferências do sr. Jânio Quadros. Esta notícia vem de fonte geralmente bem informada.

● MATARAZZO LÍDER INDUSTRIAL mais destacado do mundo. Por proposta do sr. José Luís Gonçalves, a Diretoria da Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo (presidente Antônio Devisate) foi consignado um voto de satisfação pela recente distinção conferida ao Conde Francisco Matarazzo Júnior, pelos Estados Unidos, onde a «The National Association of Foremen of the United States» lhe deu o título de líder industrial mais destacado do mundo. Outras pessoas que também mereceram, no passado, a referida distinção foram Henry Ford, o magnata dos automóveis e Antonio Ruiz Calindo, do México.

● S. PAULO EM PRIMEIRO lugar na produção de cana de açúcar, é o que nos revela o boletim do Ministério da Agricultura recentemente dado à publicidade. Parabéns a Piratininga e Fúlvio Morganti, o «herói» da batalha do açúcar bandeirante.

● ALIMENTAÇÃO E FERROVIA. Muito pouca gente sabe o papel que a Estrada de Ferro Sorocabana desempenha em nosso país, principalmente na parte referente ao abastecimento da grande metrópole bandeirante. Nada menos de 50 por cento do que o paulista consome lhe é trazido pelos trilhos de aço da estrada de Durval Muilaert. O arroz do interior de S. Paulo e do Paraná, o feijão, a batata, o milho, tudo enfim, na escala acima, vem através de seus vagões que, ligados, depois, à Central do Brasil, chegam ao próprio Distrito Federal, pelo menor frete ferroviário.

● JANIQUINE NO LIVRO DO MÉRITO. Um grupo de senhoras da sociedade bandeirante vai dirigir-se ao Presidente Café Filho no sentido de que seja inscrito no **Livro Nacional do Mérito** o sr. Agostinho Janiquine, diretor-presidente da Fábrica de Cigarros Sudan. Janiquine é o responsável pela introdução de amplo serviço social nas emprêsas que preside, sendo também conhecido como um dos mais humanos homens de negócios do país. «Beau Geste», indiscutìvelmente, êsse das senhoras de São Paulo.

● OS DISCOS VOADORES são explicados da seguinte forma pelo sr. Adib Chammas (não é parente do Waibo), que empresta uma interpretação completamente diferente às aparições que vêm agitando astrônomos e «agrônomos»... — «A coisa é assim — disse-nos Adib — existe um sujeito no Pólo Sul e outro no Pólo Norte, ambos praticando o popular **jôgo das malhas**. Desta forma, o que cruza os céus são as peças daquele esporte, e nada mais».

● CAIO NA PREFEITURA. E' certa a candidatura do sr. Caio Dias Batista à Prefeitura de São Paulo, já tendo para isso até legenda partidária, e o apoio do governador Garcez.

● REGRESSOU PAULO SAMPAIO. Da América do Norte regressou, há dias, o sr. Paulo Sampaio, Diretor-Presidente da «Panair do Brasil» e um dos maiores entusiastas da aviação internacional. Deve-se a êle a introdução dos famosos (e super eficientes) «Comets» nos serviços de além-continente da Panair do Brasil.

● JANIO NÃO ENCONTRARÁ O TESOURO vazio, é o que se diz em São Paulo. Neste sentido, determinou o governador Lucas Garcez fôsse pôsto em ação o plano de há muito elaborado pelo sr. Sebastião Pais de Almeida, Secretário da Fazenda, que visa proporcionar ao governador eleito todos os meios necessários ao bom andamento de seu govêrno.

"ÊSTE RIO MOLEQUE"

PAULO SOLEDADE

● De Pedro Bloch, Fernando Lobo e Carlos Machado estreou no Casablanca o «show» que deverá permanecer em cartaz até o Carnaval.

Com pouca música útil, um elenco bem conhecido, e não fôra o monótogo de Pedro Bloch, sem texto que justifique sua presença, é na construção que está o maior êrro dêste espetáculo. Inicia com um prólogo dançado por um arlequim, um pierrot e uma colombina. Idéia não muito nova em espetáculos dêste gênero e época. Mas é bonito porque conta com Marina Marcel, esplêndida figura e boa bailarina. Gene de Marco, um bom pierrot, e Tony (bailarino do Folies Bergère que ficou). Música de Leal Brito funcionando òtimamente no quadro predispõem o espectador para receber bem o «show» que dá a impressão de possuir certa classe. Com surprêsa no entanto é interrompido o espetáculo para se ouvir um anúncio pelo microfone, perfeitamente dispensável, e que talvez até choque um pouco devido ao esfôrço empregado pelos artistas do primeiro quadro. Dá a impressão que o que se estava vendo não valeu. E que agora é que vai começar tudo de novo. O público então aguarda pacientemente a segunda partida. Começa bem outra vez. Idéia muito original e que traz bom resultado a apresentação de Theophilo de Vasconcelos no monólogo de Pedro Bloch. O que se poderia chamar de bossa nova. Embora um pouco longo, resiste bem depois da interferência do autor nos ensaios da após estréia. Temos assim dois prólogos sem a menor necessidade. Os dois bons, um prejudicando ao outro. Depois segue um «sketch» vastíssimo, sôbre o desembarque de turistas no Galeão, cujo texto é péssimo, e de onde Grande Otelo não consegue espremer nada. Texto em cima de texto, ambos longos, o segundo sem valor e o que é pior com uma piadą em espanhol a respeito da mãe de Conchita que não se recomenda para nenhum ambiente, além de uma outra sôbre a «filha do Ppppontes» também inqualificável. É triste recorrer-se a um efeito tão baixo para conseguir humorismo. Depois de todo êsse sofrimento começam a surgir quadros que nada têm com o Carnaval. Uma cantorinha graciosa (Carmen Déa) sentada, de «short», faz as vêzes de telefonista cantando em inglês sem que se saiba porquê. Poderia ser cigarreira e cantar em alemão. Mas isso ainda passa. Depois vem a história de uma piscina. Quadro saudosista que me fêz lembrar os tempos de Monte Carlo. Irene Hozdo, Iolanda Ferrer, Carla Nell e outras moças, tôdas de bikini para impressionar o forasteiro dos lugares onde não há praia. Não há água, mas há trampolim. Não há texto mas há o Otelo improvisando graça enquanto os autores torcem até que êle invente alguma. Há o Maurício Loyola que já foi um pouco bailarino querendo passar para ator sem recursos quase desrespeitando os cronistas sociais da cidade, o que também não se recomenda. Lá pelas tantas volta o Monte Carlo à nossa lembrança quando Edit (Tremonti) Morel, Nancy Wanderley e outra moça que não sei o nome porque não havia programa, repetem a cena que Silveira Sampaio inventou para o «show» «O Terceiro Homem». Só que agora elas vêm num automóvel. Antes não vinham. E para encurtar depois de 45 minutos dessas coisas, começa o produtor do Casablanca a se interessar em ganhar o espetáculo. Mas isso um pouco tarde. E durante os 13 minutos que faltam para acabar, começa a aparecer gente em cena de todo o jeito. Gente que ainda não tinha sido vista. Tudo para impressionar já no fim. As cabrochas de Jupira com a roupa mais linda que já se fêz naquela casa para pastoras com a entrada de menor efeito que já se fêz naquela casa, também para pastoras, o que se pode chamar de êrro de «mise-en-scene». Depois de 49 minutos, tudo passou, sem que felizmente colocassem serpentinas nas mesas para garantir o final. Roupa bonita, orquestração ótima, moças lindíssimas, mas nenhum (quadro) de dança que dá trabalho. Sinhô num dueto sem razão. Mas é Sinhô, devia estar bom. E a gente sai pensando na dança da Colombina, Pierrot e Arlequim onde há mesmo valor, podendo se assistir até duas vêzes a êste «show», e sair satisfeito.

«SHOW» NO VOGUE

● Há quem duvide que se possa fazer um «show» na pequena pista da buate do barão. Há quem duvide, e é muito justo, pois para se fazer um espetáculo nas buates desta cidade, tôdas adaptadas, é preciso que se saiba fazer. Não é mais fácil nem mais difícil. É a mesma coisa. Quem não sabe não faz em lugar nenhum. E infelizmente são muito poucos os que estão em condições de iniciar e acabar um espetáculo em buate, sem entrar em considerações se o mesmo presta ou não. Quem pode fazer nas outras casas também faz no Vogue. Isto é do ponto de vista de construção. Realização pròpriamente dita. Se presta o que vai ser colocado em cena é o mesmo problema dos outros «shows». Agora, que o espetáculo roda normalmente, não há a menor dúvida, para quem sabe fazer rodar nos outros lugares. É surpreendente a ignorância desta gente que não tem a menor idéia sôbre êsse assunto e ainda faz questão de que todo mundo se aperceba disso. O «show» quando é inventado ou concebido, deve prever as possibilidades do local e não fôra assim não seria realizado. Há quem queira fazer «show» no papel, como quem escreve uma crônica ou um «sketch» para teatro, mas o sistema certo e único e fazê-lo mentalmente, já adaptado para o local a fim de que não surjam impasses à última hora que impeçam sua realização. No «Vogue», não se pode colocar um espetáculo pela simples razão que não cabendo muitos artistas, cada um deve ter algum valor, não comporta tapeações, e êstes custam um preço que faz o espetáculo anticomercial. Um bom cantor ou cantora, bom bailarino, girls e roupas para um público extra selecionado e exigente, com um diretor que por saber onde tem o seu naríz cobre o preço da garantia de um bom trabalho elevando ainda mais o orçamento, não pode trazer compensação material para quem se arrisca no negócio. Artìsticamente se pode fazer «show» em qualquer lugar. Difícil é encontrar quem pague ao que é bom o quanto vale.



MELANIE — Veio de São Paulo para o elenco de Renata Fronzi. Está em Brasil 3.000. Aos poucos vai se desembaraçando e como outras tantas vedetes que começaram assim poderá alcançar ao estrelato

RESENHA DA NOITE CARIOCA

No momento é esta a situação dos clubes noturnos do Rio quanto à sua programação artística: Golden-Room do Copacabana com o «show» «Fantasia e Fantasias» de Caribé da Rocha. Um bom elenco, espetáculo limpo, sem texto e sem tolice. Concepção primária, muito lugar comum, porém leve, bom ritmo, algum valor artístico na primeira parte. Diverte. Na buate do Hotel Glória (Beguin) o «show» «No País dos Cadillacs», de Silveira Sampaio, gênero pessoal do bom autor-ator, muita aceitação. Nível de qualidade excelente apesar das mulheres rendeiras e prendas minha. O Grupo folclórico de Solano Trindade contribuindo muito. «Inflação de Mulheres», no Night and Day. Tentativa de Lanthos para manter nova linha de «shows». Muito trabalho, pouca compensação. Nos bares o Bacara continua bem com Lêda Barbosa, Pernambuco no piston e ao piano, alternadamente. Gigi no acordeon. Estreou Tito Fuentes pianista internacional. No Maxim's, Chuca-Chuca ao piano e a cantora Tânia Lopes. No bar e restaurante Clube 36, a cantora e organista Verônica Beck com Loretti ao piano. No Clube de Paris estreou a cantora Ruth Amaral. Houve gente da colônia gaúcha nesta noite. No bar do Plaza Johnny Alf e seu trio fazem ambiente para os casais de namorados que buscam música suave. No Vogue Louis Cole e o conjunto de Moacyr dão o melhor repertório de música popular da cidade. Fat's Elpídio se apresenta ao piano depois de uma hora. No Rose Garden Club estreou o falso Bando da Lua, pois o verdadeiro está com Aloísio de Oliveira nos EE. UU. No Farolito continua Hilda Echeverri pianista internacional. No La Ronde Serge (Bacara) Rhode e a cantora Maria Luiza. Há ainda os Coli-bar, o Clube De Cinema, o Clube da Chave, tudo com uísque, e considerando que não há libra, breve estaremos pagando 1.500 cruzeiros a dose ou voltando mais cedo para casa.



IRIS VALLE — Cantora, foi do Casablanca, teve oportunidade de trabalhar em alguns «shows». Está atualmente com Djalma Ferreira no «Drink». Ari Barroso está pensando em levá-la consigo na próxima «tournée»

ÚLTIMOS INSTANTÂNEOS

CHAPLIN NA EUROPA

Espetáculo no Circo — A emoção do filme de Chaplin — Os milhões do abade Pedro — Carlitos de volta ao cinema



Padre Pedro, emocionado, abraça Chaplin depois da doação feita pelo cômico genial. Chaplin também está comovido.





CHAPLIN E O PADRE PEDRO ★ CHAPLIN, SEU FILHO E SEU IMITADOR ★ CHAPLIN EMOCIONA-SE NO CIRCO

SEM poder regressar aos Estados Unidos, Chaplin radica-se na Europa. Coincidindo com sua permanência lá, Paris reprisa «Tempos Modernos», que obtém um sucesso triunfal. Chaplin entusiasma-se e promete não só uma edição nova daquele filme, como uma versão mediferente de «O circo», que considera o melhor de seus filmes. O genial cômico foi surpreendido na Suíça, onde se encontrava, para comparecer a um espetáculo de circo cuja renda seria destinada a uma obra de beneficência. Todos os anúncios programam Chaplin para aquela noite.

De um camarote, acompanhado de sua espôsa Oona O'Neill e de seu filho Michel, assiste êle ao espetáculo. Surge então, no picadeiro, um imitador de Carlitos. É um ator modesto e quase desconhecido. Mas sua interpretação entusiasma não só o próprio Chaplin, como também seu filho, que ri às gargalhadas. Resultado, Chaplin que havia enterrado o homem do chapéu côco e da bengalinha, resolveu, diante dessa demonstração filial, reviver o mágico personagem. Assim, teremos uma nova versão de «O Circo», com aquêle mesmo Carlitos que em Calvero havia feito sua dramática despedida ao público.

Premiado, Chaplin regressa a Londres e lá, encontrando-se com o famoso padre Pedro, que dirige um sem número de obras de caridade, entrega-lhe a importância recebida. Muitos comentaram acremente que padre Pedro recebia dinheiro de Moscou, mas o bom sacerdote disse que a caridade não tem preconceitos, e foi abraçar seu magnífico doador.

São êsses os últimos «flashes» de Carlitos na Europa, e para quem se interessa por cinema evidentemente, são «flashes» agradáveis. E' que ninguém esqueceu o imortal personagem que Chaplin criou sob o nome de Carlitos.





A DOUTÔRA SAKIN TRABALHA COM MATÉRIA VIVA NA SUA

LUTA CONTRA O MONSTRO

QUEM É A DOUTÔRA – PRIMEIRO CONTATO – A OBRA DA DOUTÔRA SAKIN – O BRASIL – CORAIN – VOLTA À INFÂNCIA

Reportagem de LÚCIO CARDOSO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

QUEM É A DOUTÔRA SAKIN — Imagine-se uma senhora ainda bastante moça, de cabelos louros e olhos docemente azuis. Um tipo mais ou menos característico da Europa Central, muito próximo, por exemplo, de qualquer uma das irmãs Gabor. Aliás, Genia Sakin é lituana de nascimento, estudou na Alemanha e fêz carreira nos Estados Unidos. Foi daí que seu nome projetou-se pelo mundo inteiro e, provàvelmente, em agradecimento ao país que a acolheu tão francamente, adotou-lhe a nacionalidade. Para se completar o retrato da doutôra Sakin, é preciso esclarecer logo que sua especialidade é a cirurgia plástica. Por isto suas mãos são dotadas de intensa mobilidade e ela própria, sorrindo, explica num português simpàticamente arrevesado que fala mais com as mãos do que as palavras. Nós diríamos que as mãos são apenas um complemento. A doutôra Sakin, na realidade, fala mais com os olhos — e como fala! — pois lê-se nêles, continuamente, uma enorme ternura e uma funda compreensão das coisas humanas.

PRIMEIRO CONTÁTO — Fomos procurá-la no Copacabana Palace, onde se acha hospedada. Demorou-se um pouco, pois atendia alguém ao telefone. Quando voltou, fêz um gracejo qualquer, desculpando-se logo em seguida:

— A vida é tão triste, que não há jeito se não brincar um pouco. Particularmente, minha vida é terrível: vivo em contáto com as piores misérias e os mais horríveis complexos.

— E isto lhe dá prazer? — perguntamos.

Ela move a cabeça:

— Não é pròpriamente prazer. É que nasci para ajudar aos outros e aos outros dediquei tôda a minha vida.

— Nunca pensou em se casar?

— Não tenho tempo, disse voltando a rir. Para se viver a vida tôda com alguém, é preciso antes estudá-la, conhecê-la, amá-la. Onde iria encontrar tempo para tudo isto? Não me sobra nem para atender aquêles que precisam de mim.

— Mas, nunca? Ninguém? — insistimos.

Sua voz se torna grave:

— Sim, para que esconder? Houve um engenheiro moço e extraordinàriamente inteligente. Mas os alemães mataram-no num campo de concentração. Prefiro, pois, não me lembrar mais dessas coisas...

A OBRA DA DOUTÔRA SAKIN — Devagar ela foi desvendando aos nossos olhos o que tem sido até agora a sua obra.

— Durante cinco anos servi no Exército Norte-Americano, adaptando e servindo aos mutilados. Cheguei ao pôsto que hoje ocupo, o de major, tendo recebido agradecimentos especiais de altas patentes, tais como o general James A. Van Fleet, o general Reuben Jenkins, o coronel F. T. Chamberlin. Depois fui para a Grécia, onde em idênticas circunstâncias operei cêrca de 600 casos. O general Papagos, que é a mais alta autoridade militar do país, dirigiu-me uma mensagem entusiástica, e a rainha Frederica escreveu-me uma carta, bem como o próprio rei e as mais altas dignidades gregas. Operei na Alemanha recém-saída dos horrores da guerra, andei por tôda a Europa e regressei à América.

Ela se detém um instante, depois continua:

— Há seis meses encontro-me no Brasil, onde já operei 150 casos.

Ante a nossa admiração, ela sorri:

— E não posso dizer que tenha tido uma atenção muito especial por parte do govêrno. Tenho operado em condições difíceis, em hospitais diferentes, sem nenhuma ajuda oficial.

Nota importante: a doutôra Sakin opera de preferência gente pobre. E mais, opera de graça e ainda costuma comprar todos os remédios e tudo o mais que o paciente necessita. Assim gastou tudo o que havia trazido dos Estados Unidos, e ela própria nos conta, meio zombeteira que, regressando da Grécia, ainda ficou devendo ao hotel nos Estados Unidos, a

GINA FALA MAIS COM AS MÃOS DO QUE COM AS PALAVRAS







Estas são as mãos de Geni Sakin que têm operado milagres em todo o mundo, desde o Canadá às distantes terras da Rússia.

LUTA CONTRA O MONSTRO

Thanking you for all you have done for our soldiers in the most unselfish way

Frederica R

Agradecendo-vos tudo o que fizestes pelos nossos soldados, de maneira a mais abnegada.

FREDERICA R.

Athens May 22, 1950

I join the disfigured soldiers of Greece in expressing to Dr. Genia Sakin (Major M.C. Res. U.S. Army) deep gratitude for her excellent plastic surgery in the Greek Military Hospitals.

She will occupy a warm place in our hearts for all the good she has accomplished in Greece:

James A. Van Fleet

General U.S.A.

importância de setenta centavos. O que não quer dizer que êle desdenhe a gente que não necessita. Aqui mesmo no Brasil, tem operado pessoas de nome, que não cita por ética profissional. Mas também tem mandado de volta muita mocinha de família rica que quer concertar apenas o nariz ou uma ponta da orelha. Ela explica modestamente: «O senhor sabe, há casos mais urgentes, mais dolorosos, e que necessitam meus cuidados... Não tenho tempo para todos».

O BRASIL — O capítulo Brasil é um assunto inesgotável para a doutôra Sakin. A piedade, a ternura com que ela se refere aos nossos pobres! Como comenta a dureza dos ricos!

— Gostaria de ficar aqui, disse-nos, mas como? Ainda agora vou a Montevidéu e depois a Buenos Aires. Mas não conheço direito êste país, que é para mim o mais rico do mundo, e que tem tôdas as possibilidades. Gostaria de encontrar um hospital particular onde pudesse trabalhar à vontade. Mas onde, como, se o govêrno não me ajuda? (Fica o apêlo. Quem sabe alguém não atenderá à doutôra Genia Sakin?)

— Até agora, concluiu ela, ainda não havia falado a meu próprio respeito, nem dado entrevista de espécie alguma. Se o faço por intermédio da REVISTA DA SEMANA, é para que me conheçam, saibam quem eu sou, do que posso fazer — e assim me ajudem.

Enquanto discorria, lembrávamo-nos, em silêncio, que aquela mulher possuia um dos maiores consultórios do mundo, em pleno coração de Nova Iorque.

CORAIN — Corain, o brasileiro que pretende ter descoberto uma droga capaz de curar o câncer, é outro tema inesgotável para a doutôra.

— É preciso ajudar Corain, disse-nos ela, não porque Corain em si seja importante, mas porque o assunto de que trata é vital para a humanidade. Não se pode neste terreno desdenhar nenhuma possibilidade.

Notei certa frieza nos meios médicos do Brasil e certo ceticismo quanto à eficácia da droga de Corain. Creio mesmo que todo mundo se admirou quando tomei o trem e fui a São Paulo protestar pùblicamente o meu apoio a êsse experimento. Alegaram-me que Corain não é médico, mas que importa, repito, Pasteur também não o era. O que vi em São Paulo, deixou-me fundamente impressionada. Não posso afirmar que os resultados de Corain sejam positivos, mas a dor cessar, desaparecer completamente em doentes graves, como se estivessem sob o efeito da morfina. Isto já é muito, já é extraordinário. E' preciso que o govêrno brasileiro volte seus olhos para esta experiência. Eu própria vou pessoalmente falar com Perón a êste respeito; e mais do que isto, irei agitar o problema nos Estados Unidos.





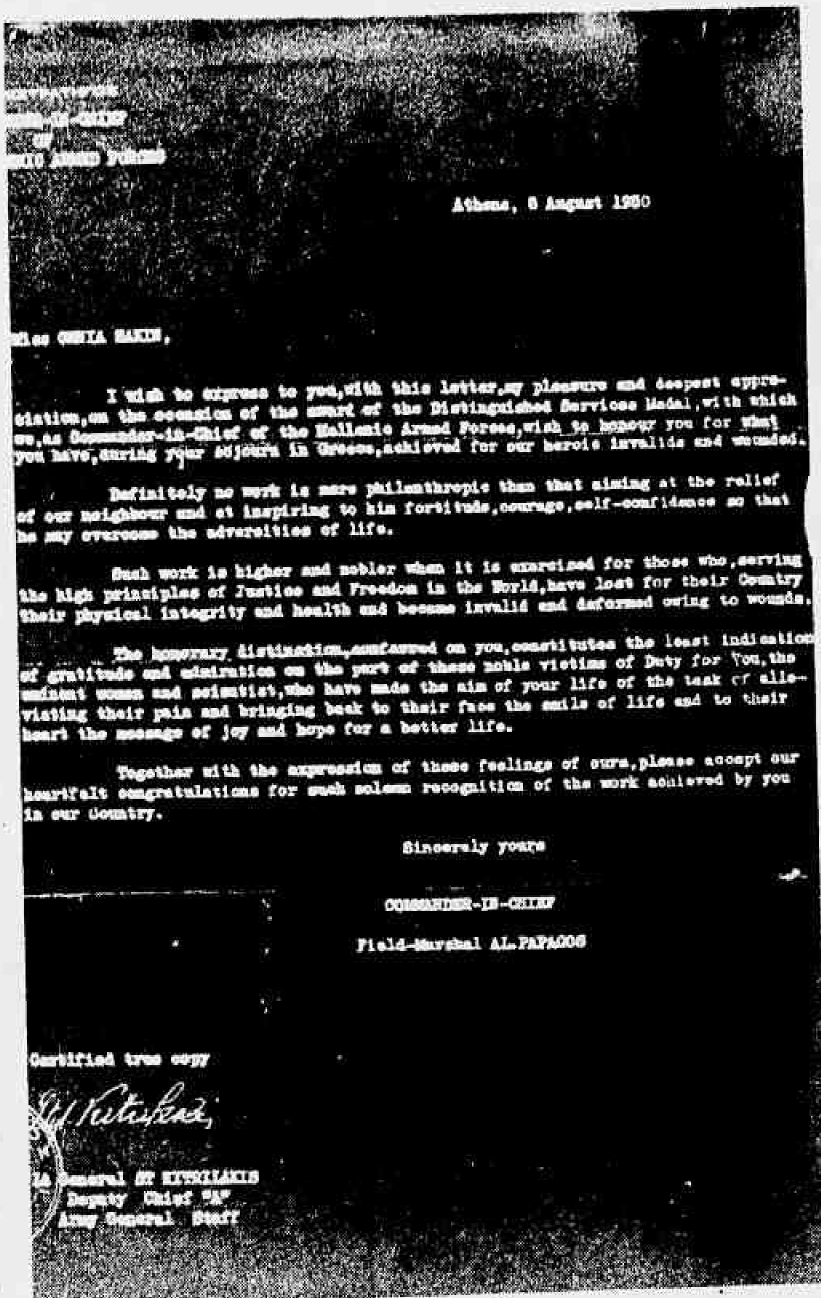
Genia Sakin no decurso de sua vida lidou com muita gente importante. Ei-la com o general Van Fleet do Exército Norte-Americano e com o general Papagos, a mais alta figura militar da Grécia, e que condecorou a doutôra. Aliás Genia Sakin é major do Exército Norte-Americano.

Atenas, 22 de maio de 1950.

Associo-me aos soldados deformados da Grécia em expressar à Dra. Genia Sakin (Major da Reserva do Corpo Médico do Exército dos Estados Unidos) uma profunda gratidão pelo seu excelente trabalho de cirurgia plástica, levado a efeito nos hospitais militares gregos.

Ela ocupará um lugar à parte nos nossos corações, por tudo de bom que realizou na Grécia.

JAMES A. VAN FLEET
Tenente-General do Exército
dos Estados Unidos



Athens, 8 August 1950

Miss GENIA SAKIN,

I wish to express to you, with this letter, my pleasure and deepest appreciation, on the occasion of the award of the Distinguished Services Medal, with which we, as Commander-in-Chief of the Hellenic Armed Forces, wish to honour you for what you have, during your sojourn in Greece, achieved for our heroic invalids and wounded.

Definitely no work is more philanthropic than that aiming at the relief of our neighbour and at inspiring to him fortitude, courage, self-confidence so that he may overcome the adversities of life.

Such work is higher and nobler when it is exercised for those who, serving the high principles of Justice and Freedom in the World, have lost for their Country their physical integrity and health and become invalid and deformed owing to wounds.

The honorary distinction, conferred on you, constitutes the least indication of gratitude and admiration on the part of these noble victims of Duty for You, the eminent woman and scientist, who have made the aim of your life of the task of alleviating their pain and bringing back to their face the smile of life and to their heart the message of joy and hope for a better life.

Together with the expression of these feelings of ours, please accept our heartfelt congratulations for such solemn recognition of the work achieved by you in our Country.

Sincerely yours

COMMANDER-IN-CHIEF

Field-Marshal AL. PAPAGOS

Certified true copy

General KITRILAKIS
Deputy Chief "A"
Army General Staff

Atenas, 8 de agôsto de 1950.

Senhorita Genia Sakin.

Desejo expressar-vos, com esta carta, minha satisfação e profundo aprêço, na ocasião em que vos é conferida a «Medalha de Serviços Comandan- Relevantes», com a qual nós, como te em Chefe das Fôrças Helênicas, desejamos honrar-vos pelo que realizaste em prol dos nossos heróicos inválidos e feridos, durante vossa permanência na Grécia.

Positivamente, nenhum trabalho é mais filantrópico do que aquêle que visa o alívio do próximo e incutir-lhe fôrça, coragem, confiança em si, de modo a poder vencer as adversidades da vida.

Tal trabalho é ainda mais elevado e nobre quando exercido em prol dos que, servindo os alevantados princípios da Justiça e Liberdade no Mundo, perderam, por sua Pátria, sua integridade física e saúde e tornaram-se inválidos e deformados, devido aos ferimentos.

A distinção honorífica, a qual vos é concedida, constitui uma demonstração mínima de gratidão, por parte dessas nobres vítimas do Dever, a vós, a eminente mulher e cientista, que fizeste a finalidade de vossa existência a tarefa de aliviar suas dores e devolver aos seus rostos o sorriso da vida e aos seus corações a mensagem de alegria e esperança por uma vida melhor.

Conjuntamente com as expressões dêsses nossos sentimentos, aceitai nossas sentidas congratulações pelo recònhecimento tão solene do trabalho que empreendestes em nosso país.

Sinceramente vosso,

Marechal de Campo AL. PAPAGOS

Calou-se um instante. Depois, longamente, continuou ainda falando sôbre Corain e o desinterêsse dos brasileiros pelo assunto.

VOLTA À INFANCIA — Terminava a entrevista, e sentíamos que ainda não tínhamos tido uma visão por assim dizer total da impressionante personalidade que se achava diante de nós. Devagar, indagamos:

E como foi, doutôra, que começou esta grande aventura?

Seus olhos se perdem na distância:

— Ah, tudo começou quando eu tinha quatro anos. Minha irmã e eu (Outra nota: esta irmã que, segundo a doutôra Sakin, e nós acreditamos em sua palavra, era uma das mais belas jovens do mundo, morreu recentemente, em companhia da mãe, em território disputado por russos e alemães. Ela nunca conseguiu localizar exatamente a quem cabe a responsabilidade.) brincávamos no terreiro da fazenda em que morávamos, quando um dos nossos cachorros, investindo contra um cabrito, arrancou-lhe um pedaço da orelha. Comecei a gritar: «Dorota, Dorota, traz uma agulha e uma linha. E de posse dêsses objetos, costurei a orelha do pobre cabrito como o faria com um vestido da minha boneca. A orelha pegou, e desde então fui costurando e concertando tudo: pássaros de asas quebradas, galinhas, tudo o que via sofrer em tôrno de mim. Assim fui aprendendo até chegar ao meu destino, que era a cirurgia plástica.

— E daí? — interrogamos, ansiosos para que ela nos fornecesse mais detalhes sôbre sua vida.

A rememoração pareceu fazê-la feliz, os olhos da doutôra Sakin brilharam.

— Depois? Depois, não sei. Sempre contei comigo mesma e sempre lutei para viver. Aos quinze anos fui modêlo em Berlim, mas não dava para aquilo, era muito monótono ir e vir arrastando caudas. Lutei, lutei muito para sobreviver. E posso dizer que nunca tive um minuto para mim mesmo, que sempre dei tudo o que sou, o que tenho e o que posso, aos outros. Fazer alguém reviver, dar-lhe o rosto que nunca teve, as mãos que não poderia mais usar, abrir olhos possìvelmente fechados para sempre. Quantos complexos terríveis, quanta dor vi surgir ao meu lado. Mas pode estar certo, dou-me por bem paga, estou satisfeita.

Terminara a entrevista. Abandonamos a doutôra Genia Sakin no salão iluminado do Copacabana, com suas luzes fúteis e sua elegância externa. Ela lá ficou, imóvel, enquanto íamos pensando no singular mistério desta natureza tão generosa, a quem os canadenses chamam de «feiticeira loura», a quem os alemães adoram, os americanos veneram e a quem seus compatriotas chamam de bruxa, implorando milagres.









Nem tôdas as fotos do arquivo de Geni Sakin podem ser publicadas, pois chocariam evidentemente o público. A título de curiosidade, publicamos aqui uma série com a cliente X., que não possuía uma das faces e que, após o enxêrto, feito pela doutôra, apresentou uma fisionomia normal.

PODRIDÃO

VIU-SE diante do irremediável. E o irremediável era a evasão do mundo. Não sabia que caminho tomar. Havia balburdias estranhas, confusas dentro dêle. E por entre essas balburdias a crise medonha dos nervos destrambelhados. Recalcamentos. Fugas de si próprio e dos outros. Êle sabia que a vida é feita de acasos postos por Deus na vida à disposição dos homens. Sabia que era só aproveitar a oportunidade do acaso ou dos acasos e estar ou não estar na graça de Deus. Mas os seus acasos não o podiam levar para o meio de grupos de pessoas ou interêsses, fora dos caminhos da moral. João Manuel era um homem que buscava não os acasos que geram os negócios, as traficâncias, as ambições, os ódios, as misérias da vida, mas aqueles acasos que levam o homem até Deus. Percebia, em cada dia que passava, que a sociedade em que vivia, estava apodrecida. Que era impossível lutar com a podridão dêsses grupos. Que o círculo se alargava para o esmagar. Mas não sofria por isso. O seu sofrimento era o do inadaptado, o amargor de se sentir deslocado. Não sabia mentir e era um ingênuo, não tanto como o julgavam, mas mesmo assim um ingênuo. Estava dentro do círculo; não tinha mêdo do círculo nem dos homens que o formavam, mas dentro dessa forma geométrica, quanto êle mais se apertava, sentia-se outro. E dizia: — «Êste é que é o meu Acaso, o Acaso que devo aproveitar para não me perder como êsses que me fecham dentro do círculo!» Lá de longe, vinham as vozes dos que compunham e fechavam o círculo; vinham os sorrisos e as gargalhadas dos que, unidos, se fechavam nos negócios escuros, nas ofensas a Deus e ao homem. Mas João Manuel sorria, simplesmente. Não sabia rir. Perdera o hábito de rir. A vida entristecia-o, esmagava-o, cá por fora.

● João Manuel — dizia eu — era um homem. Um bom advogado, com um escritório modesto, mas com boa clientela. A sua reputação fôra construída numa base de honestidade ao serviço da justiça e dos clientes que defendia. Recusava as ações que se lhe afiguravam injustas e não cedia sequer aos bons honorários. Na simpática casinha que comprara com o esfôrço do seu trabalho, viviam a mãe, a mulher e duas filhas. Transformara o lar num ninho fôfo, harmonioso, de entendimento perfeito. A mulher, sua companheira de todos os dias, era o seu melhor esteio. Encontrara nêle, sempre, ouvidos atentos, coração pleno de afeto e uma sensatez que lhe controlava, por vêzes, os ímpetos. Assediado por solicitações, mais ou menos honestas, recusara sempre. Não queria ser um número nem enfileirar nos grupos que o solicitavam. Era um homem feliz. Mas, nessa sua felicidade, sentia-se um inadaptado dentro da vida, onde precisava de conviver. Amigos tinha alguns. Amigos que, como êle, se sentiam deslocados numa sociedade que apodrecia: o Carlos do Vale e o Jaime de Morais Pereira, seus colegas de escritório; o Augusto Pedro Regueiro, escritor; o jornalista Ricardo Marques e o escultor Álvaro Soares... Mas não formavam grupo. Encontravam-se, por acaso, isoladamente, e conversavam. À noite, em casa, relembrava, com a mulher pormenores dêsses diálogos, sempre amargurados. Do outro lado, havia os grupos e os grupinhos de interêsses inconfessados. Aquêle advogado que, depois de entrar na política, surgira, anos depois, sócio de uma porção de sociedades anônimas. Tôda a gente o sabia, mas não se podia provar, e a coisa caminhava. O anafado açoreano, troca-tintas, sempre aos saltinhos, de jeitos afeminados, ganhava o que podia, como escritoreco de encomenda, ao serviço de quem calhasse, daí elogiar quem melhor lhe pagava: o outro, pintor de meias tintas, dava-se ares de discreto e respeitável, mas no fundo (tôda a gente o sabia), não se governava pior... E havia os que, para subir, se transformavam em delatores; e os que, para serem promovidos, bajulavam, rasteirinhos, humildes, mas a remoer injúrias, por dentro... e havia os que pagavam com cheques sem cobertura as dividas contraídas nos clubes noturnos ou em casas suspeitas... havia os que, para satisfação de tendências anormais, se batiam pela defesa do lar e da família, mas, cá por fora, cevavam a gula pecaminosa dos seus vícios nas filhas e nas mulheres dos amigos... E havia os grandes negócios das sociedades anônimas, homens ricos de um momento para o outro e homens na miséria também de um momento para o outro...

● Isto é imaginação. Talvez tivesse acontecido, talvez aconteça em qualquer parte do mundo. Tudo pode acontecer. Na China e no Japão, na Rússia ou na América e, possivelmente, em Portugal. João Manuel é uma figura fictícia. Fictícias são as imagens. Fictícios os casos postos ao acaso. São êsses acasos — alheios a Deus, porque êsses homens não aceitaram a sua graça. Mas poderiam ser casos, como o daquele rapaz culto, inteligente, que se perdeu como delator de um colega e o de outro que se vendeu por 20 contos, atirando para a cadeia meia dúzia de indivíduos... O nosso João Manuel, advogado, enojado, sentia-se, claramente, inadaptado. E como êle, os restantes que enumerei. Antes a miséria do que a indignidade. No consultório de João Manuel. O jovem advogado e os três amigos mais fiéis: o Carlos do Vale e o Jaime de Morais Pereira. Um momento. Uma conversação curiosa que, por obra do Acaso, o jornalista pôde ouvir e registrar. Evidentemente que o leitor inteligente já percebeu que todos os nomes são fictícios e qualquer semelhança, etc. é pura coincidência... Talvez, apenas, os fatos da conversação não sejam coincidências, mas isso é outra história...

● Vê tu, João Manuel, como as coisas são: aquêle pretenso escritor — o João Frade, que tôda a gente conhece pelo «Fradinho» — meteu-se em cavalarias altas. Criou dívidas nas buates, nos alfaiates, nas mercearias e nos armazéns de modas. Incompetente, surgiu há meses, não sei se te lembras, diretor de uma revista. Começou a governar-se. Os responsáveis souberam do seu «govêrno» (pelo menos de massas e do resto), pois sabes o que aconteceu?

— Puseram-no na rua, claro... — comentou João Manuel.

— Ora! Lá continua! E qualquer dia aumentam-lhe o ordenado...

— Não me digas! — disse, meio arrepelado, Morais Pereira.

— Mas há mais, muito mais!

— É melhor não saber, Carlos! A imundície não nos atinge...

— Aí é que está o teu êrro, João Manuel! — atalhou o Morais Pereira. Atinge-nos, porque pactuamos com essas imundícies. Continuamos a apertar as mãos de qualquer ladrão ou vigarista, de qualquer delator que nos aponta o revólver pelas costas...

— Tu tens razão, Pereira. Mas êsses indivíduos continuam nos grandes lugares, nas companhias e nos bancos, nas revistas e até em alguns jornais. E até a própria imprensa não reage...

— Não pode, bem sabes... — atalhou João Manuel.

— Poder, pode. Bastaria fazer o que faz um honrado jornal desta terra: ignorar a existência de certos indivíduos como êsse «Fradinho» e dizer-lhe, quando é necessário, que são uns vermes que devoram o alheio para engordar a sua imundície...

— E o outro, aquêle nosso antigo condiscípulo?

— Qual? O Domingos, açoreano? Baixo e reboludo, de falinhas mansas, que ora é da direita ora da esquerda, contanto que lhe paguem bem? Êsse salta pocinhas, incompetente, que tem sido corrido de tôda a parte, que roubou a direção do jornal... e agora faz os piores fretes dêste mundo, a classificar, em prosa ligeira, com têrmos bombásticos que vai buscar ao dicionário, certos indivíduos que nós conhecemos, autênticos burros transformados em gênios?

— Êsse mesmo! Sabes o que aconteceu? Há semanas encomendaram-lhe um serviço... deram-lhe, ao que se sabe, uns 100 contos... Claro, êsse açoreano gorducho suou as estopinhas para fazer coisa de jeito Quem lhe encomendou o serviço ficou satisfeito com os adjectivos, que ia do notável ao magistral, do extraordinário ao fecundo... O que se sabe...

A conversação prolongava-se e o jornalista ouvia, com pena de não poder escarrapachar os nomes nos jornais.

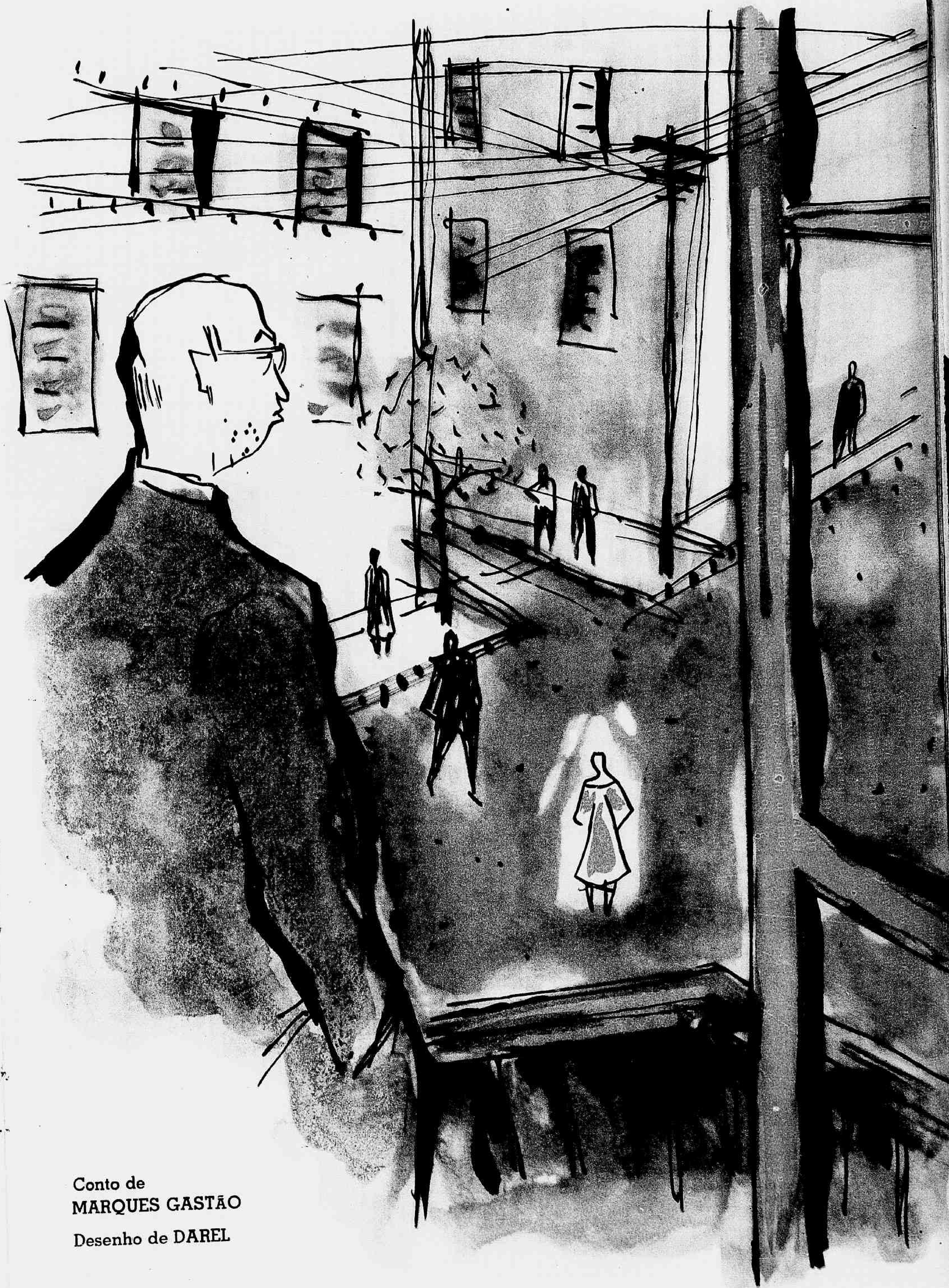
— Sabes uma coisa, Carlos? A nossa sociedade sofre uma crise de crescimento, não de crescimento moral, mas de imoralidade e desvergonha. Não se respeita o indivíduo nem a família. Não é geral? Não é. Mas êsses grupos têm uma fôrça descomunal e continuam a contar com a impunidade. Se Jesus voltasse a êste mundo, corríamos com o azorrague como já o fêz uma vez... Vai vê-los na missa todos os domingos...

— Claridade, o mundo precisa de claridade! E de justiça! E de unidade! — quase gritou o Morais Pereira.

— E confiança e fé nos destinos dos homens — mas não dêsses que mancham o Homem.

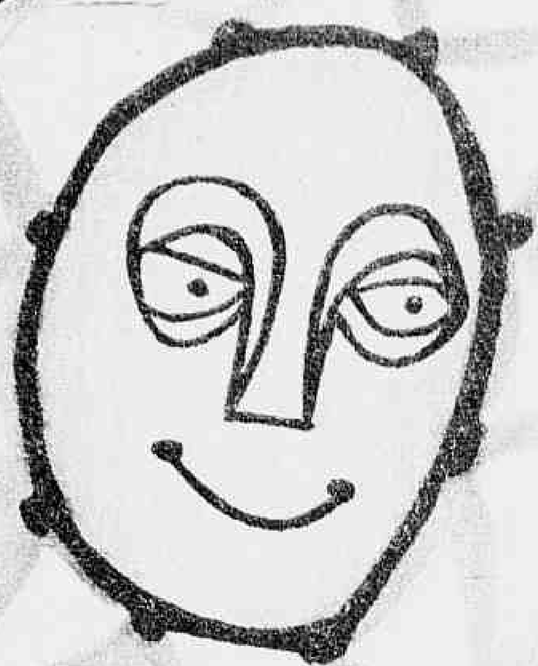
● À noite, no lar, a mulher de João Manuel dizia-lhe:

— Tudo isso é verdade ou mentira? Eu não o sei. Tu sabes e sei que falas verdade. Mas João Manuel, mantém a tua dignidade e luta pela verdade sempre, respeita a tua toga e defende a justiça. Quanto ao resto — deixa-os afundar-se na podridão dos seus processos. Deus é grande para resolver tôdas as coisas... Espera que a justiça chegará...



Conto de
MARQUES GASTÃO

Desenho de DAREL

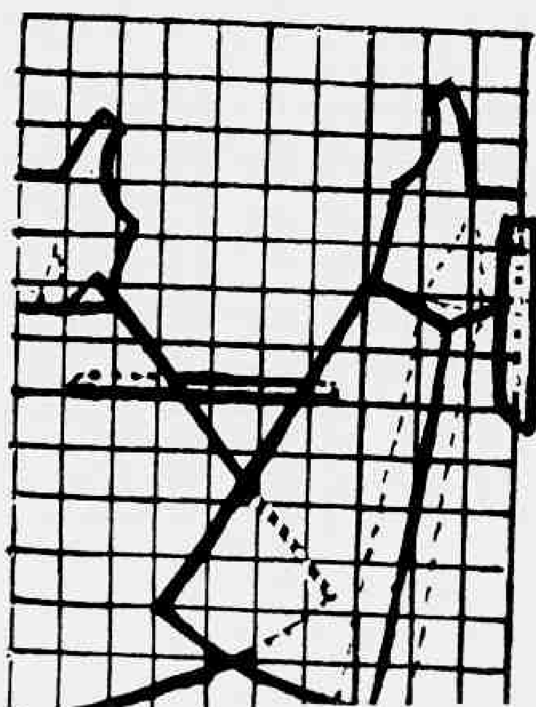


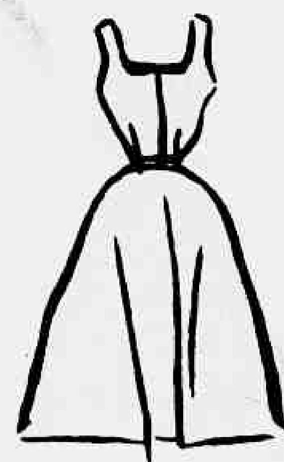
ESTÁ CHEGANDO O VERÃO!

● O verão aí está, com seus dias encantadores. Para a elegância feminina nesta estação começa a dominar a nova linha francesa, o «flat look». Embora a adesão ao novo estilo se faça com um pouco de relutância, isto porque muitas não se conformam em disfarçar a linha do busto e dos quadris, como sempre acontece, as mais afoitas lançam a novidade que em breve será acatada por tôdas. Os últimos desfiles de modas sugerem o «flat-look», principalmente para os vestidos de baile, confeccionados geralmente em tecidos finos. Esta é a hora de adquirir um novo «maillot» para fugir ao calor, ao menos durante o tempo que se passa na praia. As últimas criações parisienses e americanas são encantadoras, embora os preços elevadíssimos assustem um pouco. As roupas de banho em algodão, com duas peças ou inteiras com calças franzidas, serão muito usadas. Com um pouco de habilidade poderão ser confeccionadas em casa e isto trará economia e proporcionará maior variedade.

● Os decotes bastante pronunciados continuam predominando nos vestidos para tôdas as ocasiões e conseguem-se ótimos efeitos quando são empregados os estampados maravilhosos que surgiram êste ano, em tecidos de sêda ou algodão. No verão dominam as côres claras e vivas, não só nos vestidos como nos accessórios. A palha, principalmente em tons de vermelho e amarelo, aparece na maioria dos sapatos e bôlsas e nos mais variados feitios. Como em tôdas as estações, também nesta os conjuntos de saia e blusa são bastante usados, principalmente por quem trabalhe fora. Êste ano, ao contrário do que se deu no verão passado, as saias são confeccionadas em algodões e não em lonita e não têm muita roda, sendo geralmente franzidas.

"Vestido de sol", adornado com uma faixa que passa por baixo do cinto em toile vermelha. Tamanho da fazenda, 3 mts. 75 x 90.







Três belos modelos de verão em tecido esponjoso, para serem usados na praia, nos quais vemos a tendência sempre crescente do emprêgo das listras, em trajes esportivos.

FORTUNA (ao som de "Clair de Lune") APRESENTA nam

• Tudo o que precisamos para esta página...



...é de uma noite de lua...



...um casal de namorados...



...e um banco

O ROMÂNTICO SUPERADO

— Oh, noite banhada de luar, que banha meu peito banhado de amor, que banha de poesia banhada... etc., etc.



O SEM IMAG

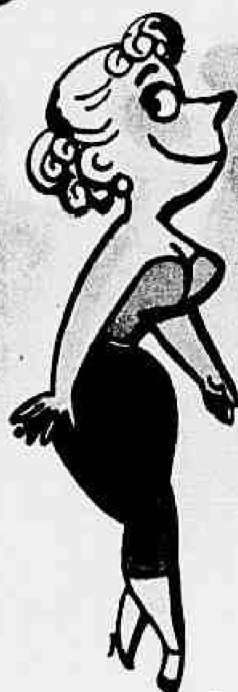
— Me sinto tão romântica... Querido, diga coisas bonitas, fale da lua...



O INCONSTANTE

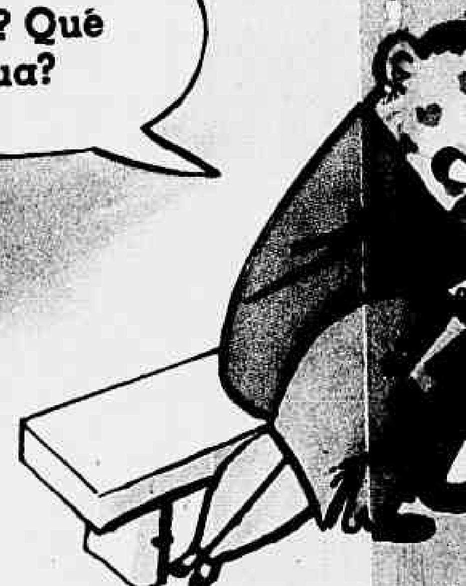


Olha a lua, querida!



O OBJET

Lua? Qué lua?



amorados ao luar



um :anco de praça.

Ah, sim! Alguma coisa estava sobrando!

IMAGINAÇÃO



O ESPORTIVO



JETIVO



O DE POUCAS PALAVRAS



ESCOLHI a carta para convencer-me de que era certo o que eu imaginava.

— Leia alto, acrescentou meu pai passeando pela habitação, e enxugando o suor que lhe umidecia a testa.

— Isto já não tem remédio, disse assim que eu conclui. Que desapareça, e em que circunstâncias! E eu sou o único culpado.

Eu o interrompi, a fim de manifestar-lhe o meio que julgava necessário para tornar a perda menos grave.

— E' verdade, observou ouvindo-me já com alguma calma. Porém, quem teria imaginado! Morrerei sem ter aprendido a desconfiar dos homens.

E dizia a verdade: já muitas vêzes em sua vida comercial havia recebido iguais lições. Uma noite, achando-se êle na cidade sem a família, apresentou-se um empregado em seu quarto, que êle havia mandado aos Chocois a fim de trocar uma considerável quantidade de objetos por ouro, que urgia enviar aos credores estrangeiros. O agente disse a êle:

— Venho para que me dê com que pagar o frete de uma mula, e uma dívida. Joguei e perdi tudo quanto o senhor havia me entregado.

— Tudo, perdeu tudo? — indagou meu pai.

— Sim, senhor.

— Apanhe nesta gaveta o dinheiro que precisa.

E chamando a um dos seus criados, acrescentou:

— Êste senhor acaba de chegar. Avisa lá dentro para que o sirvam.

Porém aquilo eram outros tempos. Golpes de fortuna são suportados com indiferença pela mocidade, sem que esta pronuncie uma só queixa. Os que os recebem na velhice, parecem dirigidos por um inimigo cobarde — já é pouco o trecho que falta para se chegar ao sepulcro. Como são raros os amigos do que morre, que o saibam ser da viúva e de seus filhos! Quantos são aquêles que olham o último suspiro daquele cuja mão, gelada já, estão estreitando para converter-se logo em verdugo dos órfãos!

Três horas haviam decorrido desde o término da cena que acabo de descrever conforme a recordação que me ficou daquela noite fatal, a que tantas outras haviam de se assemelhar anos depois.

Meu pai, no instante de se deitar, disse-me de seu leito, distante poucos passos do meu:

— E' preciso ocultar a sua mãe quanto seja possível do que sucedeu. E será preciso também demorar um dia mais o nosso regresso.

Ainda que sempre o tivesse ouvido dizer que seu sono tranqüilo servia-lhe de alívio em todos os infortúnios da vida, assim que acabei de falar convenci-me de que êle já adormecera, e vi em seu repouso uma tão denodada resignação, havia tal valor na sua calma, que não pude deixar de permanecer por muito tempo contemplando-o.

Não havia amanhecido ainda, e tive que sair em busca de ar melhor para acalmar a espécie de febre que me havia atormentado durante a insônia da noite. Sòmente o canto dos pássaros nos bosques vizinhos anunciavam a aurora. A natureza parecia espreguiçar-se ao despertar do sono. À primeira luz do dia começaram a revoar os platanos alguns pássaros; casais de pombas empreendiam viagem através dos campos vizinhos. Assim terminava a noite.

XXXIV

Nem tôdas as pessoas que nos aguardavam achavam-se no corredor; entre elas não descobri Maria. Algumas quadras antes de chegar à porta do pátio, à nossa esquerda e sôbre uma das grandes pedras de onde se dominava melhor o vale, estava ela de pé, e Ema a animava para que descesse. Aproximamo-nos. A cabeleira de Maria, sôlta em largas e brilhantes ondas, negrejava sôbre a musselina de seu traje côr verde; sentou-se para evitar que o vento lhe agitasse a saia, dizendo a minha irmã, que ria do seu encabulamento:

— Não vê que não posso?

— Menina, disse meu pai entre surpreendido e risonho, como conseguiu subir aí?

Ela, envergonhada da travessura, acabava de corresponder à nossa saudação, e contestou:

— Como estivéssemos sòzinhas...

— Quer dizer, interrompeu meu pai, que devemos ir para que possas descer. E como desceu Ema?

— Ora esta, porque eu a ajudei.

— E' que eu não tinha mêdo.

— Vamo-nos, então, concluiu meu pai dirigindo-se a mim. Porém, cuidado.

Bem sabe êle que permaneceria eu. Maria acabava de dizer-me com os olhos: «Não se vá». Meu pai tornou a montar e dirigiu-se para casa: meu cavalo seguiu pouco a pouco o mesmo caminho.

— Foi por aqui que subimos, disse-me Maria mostrando-me umas gretas na rocha.

Ao acabar minha manobra de subida, estendeu-me a mão, demasiado trêmula para ajudar-me, porém muito desejosa de que me apressasse em estreitá-la. Sentei-me aos seus pés e ela me disse:

— Não está vendo que trabalho? Que terá dito papai? Acreditará que estamos loucas.

Eu a olhava sem contestá-la: a luz de seus olhos, cobardes ante os meus, e a suave palidez de suas faces, diziam-me como em outros momentos, que naquele era tão feliz quanto eu.

— Vou sòzinha, repetiu-me Ema, de quem havíamos ouvido mal sua primeira ameaça; e afastou-se alguns passos para nos fazer crer que ia cumprir o que prometia.

— Não, não. Espera-nos só um instante, suplicou Maria, pondo-se de pé.

Vendo que eu não me movia, disse-me:

— Que é?

— E' que aqui estamos bem.

— Sim, porém Ema quer ir-se e mamãe deve estar esperando-a. Ajuda-me a descer, que agora não tenho mêdo. Dá-me seu lenço.

Torceu-o, jutando:

— Segura esta ponta, e quando não me possas mais dar a mão, seguro-me nêle.

Persuadida que podia arriscar-se a baixar sem ser vista, fêz como havia projetado, dizendo-me já ao pé do penhasco:

— E você, agora?

Buscando a parte menos alta da pedra, saltei ao gramado e ofereci o braço a ela a fim de que nos dirigíssemos para casa.

— Se não tivesse chegado, que terias feito para descer?

— Teria descido sòzinha. Ia descer quando você chegou. Fiquei com mêdo de cair porque ventava muito. Também ontem subimos ali, e eu desci sòzinha.

— Porque se demoraram tanto?

— Para deixar concluídos alguns negócios que não podiam ser tratados aqui. Que fizeste nestes dias?

— Desejar que o tempo passasse.

— Nada mais?

— Coser e pensar muito.

— Em quê?

— Em muitas coisas que se pensam e não se dizem.

— Nem a mim?

— A você, menos ainda.

— Está bem.

— Porque você já sabe tudo...

— Não leu nada?

— Não, porque fico triste lendo sòzinha, e não gosto dos contos das «Veladas da Quinta», nem das «Tardes da Granja». Ia tornar a ler «Átala», porém você me disse que tem uma passagem não sei como...

E dirigindo-se à minha irmã que nos precedia de alguns passos:

— Ouve, Ema. Que negócio é êste de ir tão depressa?

Ema se deteve, sorriu e continuou andando.

— Que estavas fazendo ante-ontem às dez horas?

— Ante-ontem à noite? Ah, disse detendo-se, por que me pergunta isto?

— E' que a esta hora estava muito triste pensando nestas coisas que se pensam e não se dizem.

— Não, não, você sim.

— Sim quê?

— Pode dizê-las.

— Conta-me o que fazias, e eu te direi.

— Tenho mêdo.

— Mêdo?

— Talvez seja uma bobagem. Estava sentada com minha mãe no corredor, dêste lado, fazendo-lhe companhia, porque me disse que não tinha sono. Ouvimos como que soavam as fôlhas da janela de seu quarto, e temerosa eu de que a houvessem deixado aberta, tomei uma luz do salão para ver o que estava acontecendo. Que asneira... mas torna a me assustar só de lembrar o que aconteceu.

— Acaba, então.

— Abrimos a porta, e vimos pousada numa das fôlhas da janela, que o vento agitava, uma ave negra e do tamanho de uma pomba muito grande. Deu um grasnido como eu nunca havia escutado, assustou-se com a luz e, voando sôbre nossas cabeças, apagou-a. Esta noite sonhei... Mas, que tem você?

— Como? — indaguei, procurando ocultar a impressão que a narrativa me causava.

O que ela me contava havia se passado à mesma hora em que eu e meu pai líamos aquela carta malfadada; e a ave negra era a mesma que havia me roçado o rosto durante a tempestade da noite em que Maria repetiu seu acesso; a mesma que, encolhido, ouvi zumbir algumas vêzes sôbre minha cabeça, ao ocultar-se o sol.

— Como? — replicou-me Maria. Vejo que fiz mal em contar isto a você.

— Você julga isto?

— Não é o que eu julgo...

— Que sonhaste?

— Não devo dizê-lo.

— Nem mais tarde?

— Ah, talvez nunca.

Ema já abria a porta do pátio.

— Espera-nos, disse Maria, ouve, que agora é de verdade.

Reunimo-nos a ela, de mãos dadas as duas continuaram até a casa. Sentia-me dominado por um pavor indefinível. Tinha mêdo de algo, ainda que não me fôsse possível adivinhar de quê; porém cumprindo a advertência de meu pai, procurei dominar-me, e fiquei o mais tranqüilo que poderia ficar, até que me retirei para o quarto, sob pretexto de trocar de roupa.

(Continua no próximo número)



MARIA

Romance de JORGE ISAACS

Desenho de RAMÓN

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional em Bogotá, capital de seu país. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria, criados como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor manifestou-se entre ambos. Nesse interim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça sofria de ataques epiléticos. Regressando a casa, depois de uma caçada, encontra Carlos, que pretende a mão da moça. Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, alegando que é doente e jamais pretende casar. Retira-se Carlos, indo Maria informar a Efraim tudo o que se passou. A esta altura dos acontecimentos, recebem uma carta com más notícias.



— Não me diga que os dias de verão são mais longos. E' preciso responder desde agora a tôdas as pessoas que nos enviaram boas festas...



— E não é nada ainda. Mostre. Toto, como você sabe tocar bombo direitinho na cabeça de seu avô.

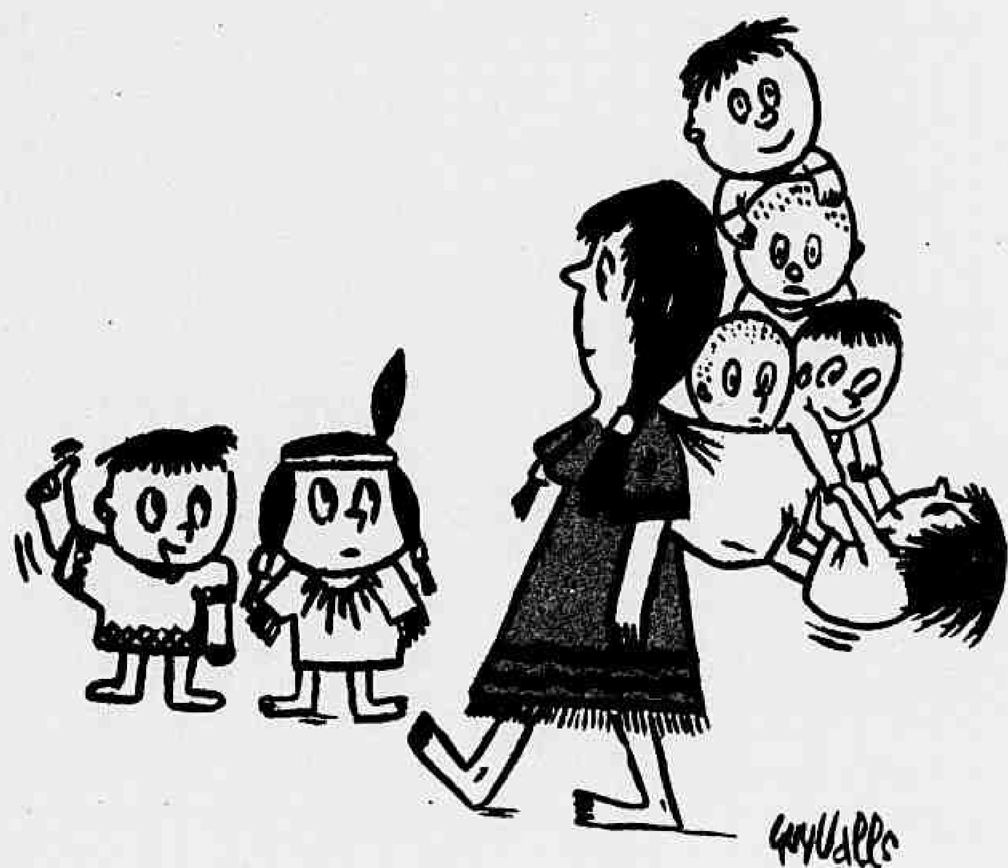
O NATAL NO RISO DOS OUTROS



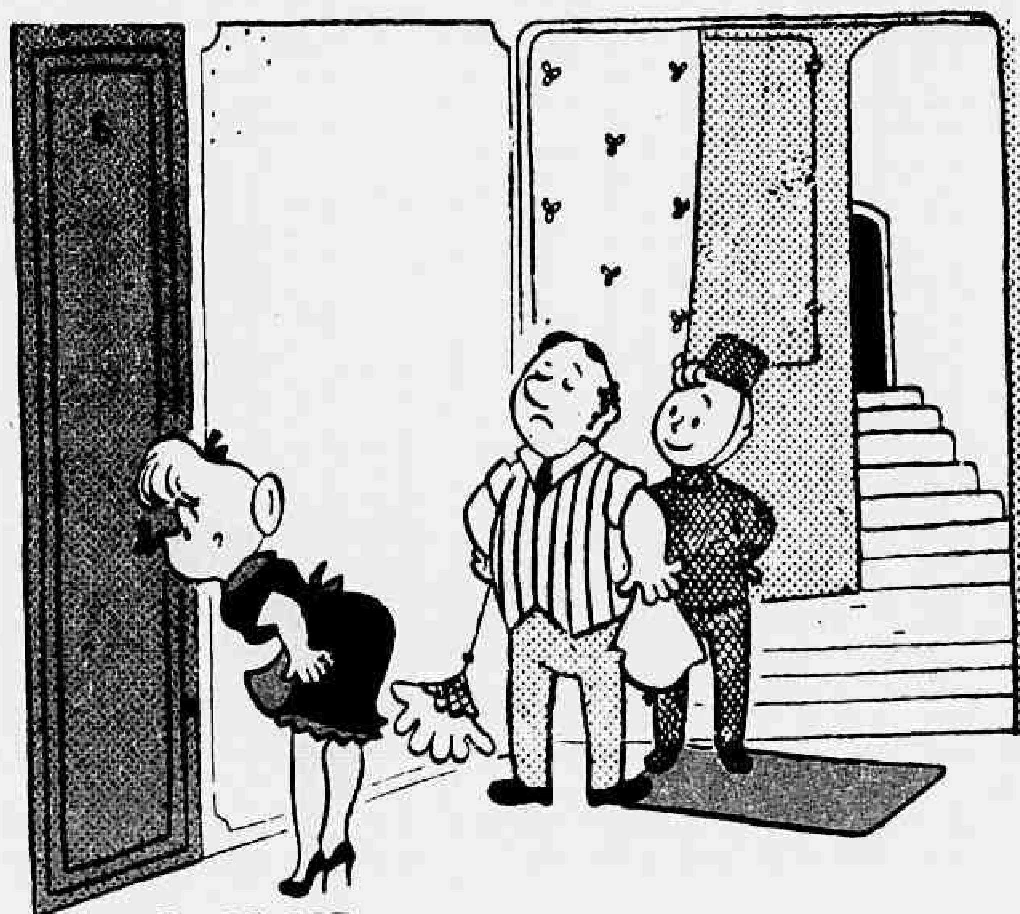
— Mas não, não são discos voadores, é o casal vizinho preparando bolos de Natal...



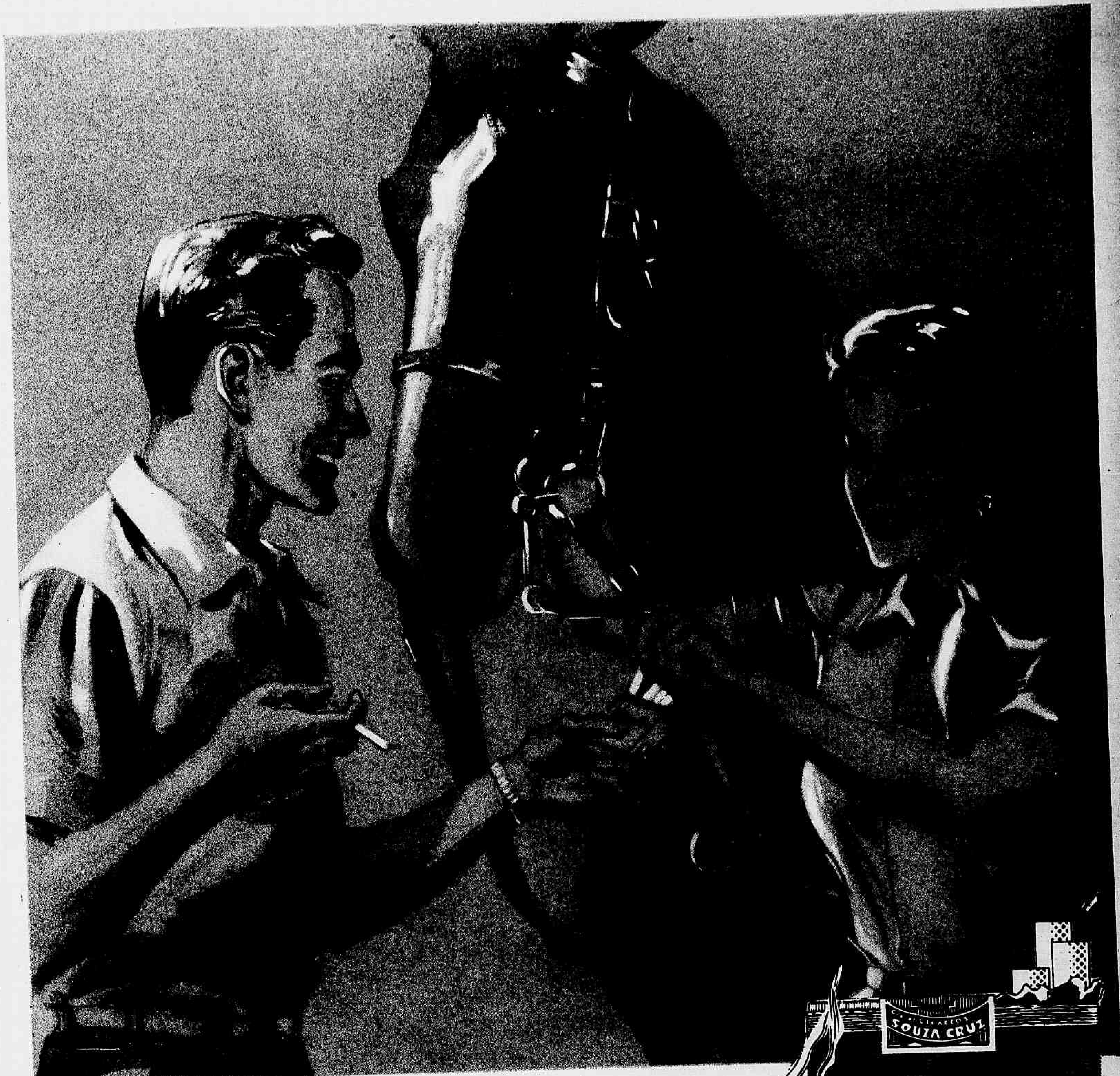
● NA RUA
— Êle pode resfriar-se..

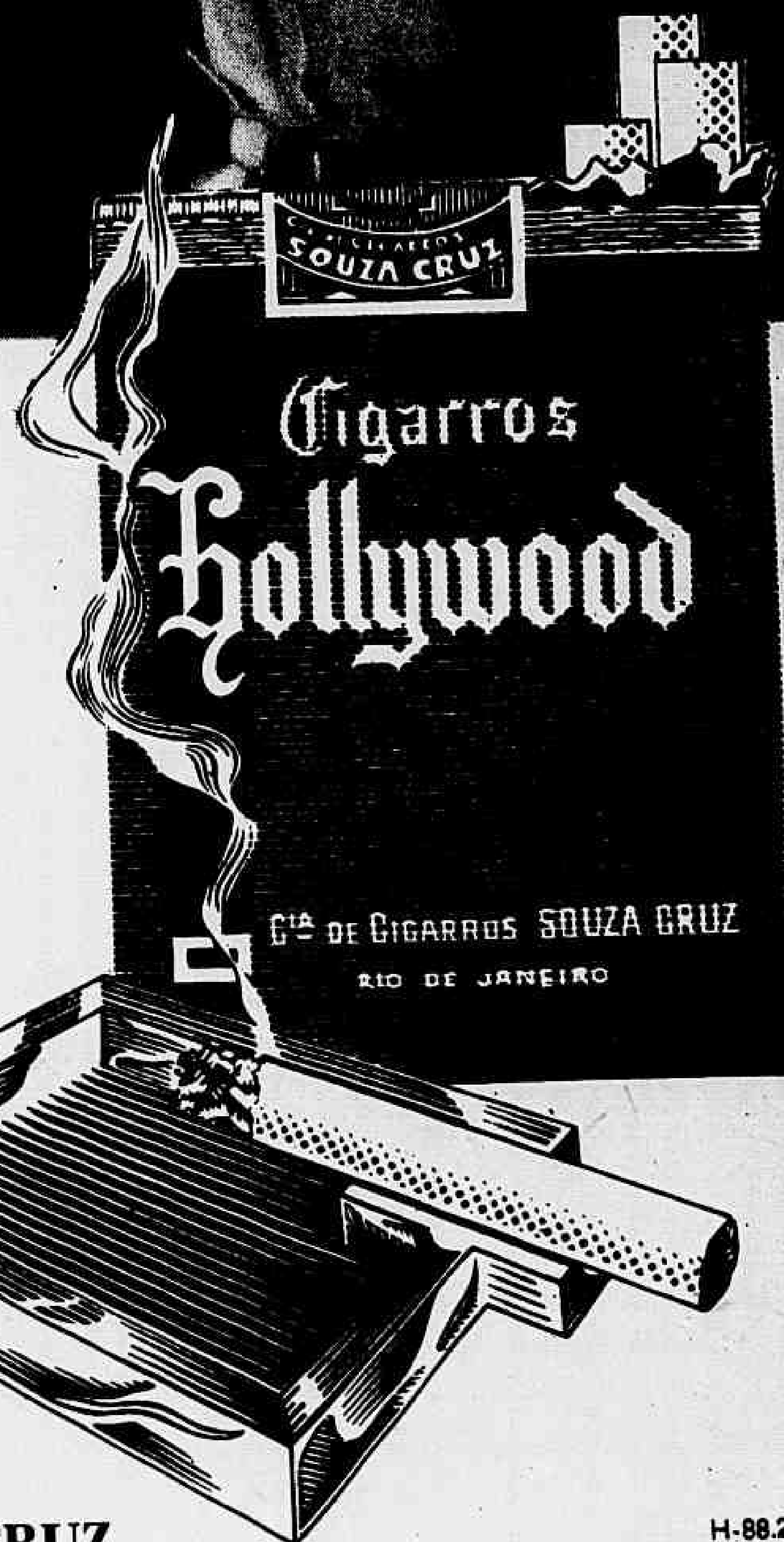


● NO MÉXICO
— Olha só o que Papai Noel trouxe para ela...



● NO LAR
— Deixa ela espiar. O patrão se esqueceu dos presentes...





Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gôsto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.294



O PRESIDENTE DO ROTARY INTERNACIONAL NO RIO DE JANEIRO

O sr. Herbert Taylor em companhia do Presidente Café Filho, conversa sôbre assuntos de Rotary Internacional.



O presidente do Rotary International em companhia do cardeal D. Jaime.



O sr. Herbert Taylor na reunião do Automóvel Clube do Brasil.



Thomas Corrêa de Figueiredo Lima, presidente do Rotary Club de Niterói; Donald Lowndes, rotariano do R.C. Rio de Janeiro; Garcia Bastos, presidente do Rotary Club do Rio de Janeiro; dr. J. Reddo Cid, governador do Distrito Rotário 118; Herbert Taylor, presidente do Rotary International; dr. Ernesto Imbassahy de Melo, diretor do Rotary International; Affonso Vidal, presidente do Rotary Club de São Paulo; dr. Rodrigo Otávio Filho, rotariano do R.C. do Rio de Janeiro e J.G. Perboyre Quinderé do Rotary Club de Copacabana.

O sr. Herbert Taylor, Presidente do Rotary Internacional acaba de visitar o Brasil em companhia de sua exma. espôsa. No Rio de Janeiro, o casal Taylor foi muito homenageado, não sòmente nos meios rotarianos como também pelas autoridades do país e pela sociedade brasileira. Após a visita que fizeram ao Distrito Federal, o sr. Herbert Taylor e senhora viajaram para São Paulo, onde foram alvos de homenagens especiais do meio rotariano e da sociedade bandeirante.



No Automóvel Clube do Rio de Janeiro, a senhora Fábio Bastos tendo à sua direita a senhora Herbert Taylor.



Decorações modernas

● Se você vai se transferir para um novo apartamento ou se pretende decorar sua casa de campo, talvez possa aproveitar algumas das sugestões que apresentamos.

● Inicialmente será bom lembrar que o tempo das cortinas franzidas, com excesso de pano e arrastando no chão, já foi ultrapassado. Esta foi sem dúvida uma esplêndida inovação porque proporciona grande economia. Os tecidos quadriculados, listrados e com grandes estampados, são os mais utilizados na decoração moderna, para cortinas e capas de móveis.

● A colocação de quadros também pode seguir uma disposição moderna, em linha reta, evitando as escalas. As plantas e folhagens, colocadas junto a "abat-jours" de pé, no parapeito de janelas, são usadas como adornos nas salas de jantar, estar e até nos quartos de banho. Procure colocar uma batata em um jarro contendo água, estando o vaso a certa altura. Verá o ótimo efeito que obterá, quando a folhagem principiar a crescer.

● Lustres de cristal e bronze devem ser usados de acôrdo com o ambiente, embora a tendência seja para a iluminação indireta, partindo das sancas de gêsso. Os móveis em estilo moderno, em pau marfim e madeira clara, são lindos e alegram muito qualquer ambiente, mas, se vier a adquirí-los, procure ter o máximo de cuidado para mantê-los sempre limpos, sem as manchas de dedos que tanto os enfeiam.

A fibra é o material mais indicado para a confecção de tapêtes que serão usados em ambientes com móveis claros.

WEEK-END NA COZINHA

Raviólis de ameixas

● Deite numa vasilha 3 ovos, ½ xícara de leite com 1 colher de chá de sal, mexa bem e vá incorporando farinha, até a massa ficar lisa e fácil de abrir. Abra com o rôlo, corte em rodelas, deite no centro ameixas pretas sem caroços, enrole como bolas, tendo o cuidado de não deixar a menor abertura. Jogue as bolas em água a ferver, revolvendo de vez em quando, com a espumadeira, para não pegar. Logo que fiquem cozidas, como ravióli, escorra numa peneira, arrume num prato, polvilhe cada camada com queijo e regue com manteiga derretida.

Fôrma de talharim com galinha

● Tome ½ k de macarrão grosso e cozinhe em água fervendo com sal. Rale 200 gr. de queijo parmezão. Parta 200 gr. de presunto picadinho. Arrume numa fôrma Pirex ou de porcelana untada e polvilhada de pó de pão as camadas do macarrão, do presunto e do queijo. Quando terminar, regue com 100 gr. de manteiga derretida e 1 xícara de leite quente. Bata 6 ovos as claras em neve, e derame sôbre a fôrma. Leve a assar no fôrno, e sirva na própria fôrma.

Macarrão à alemã

● Unte uma fôrma com manteiga e forre com fatias de língua afiambrada. Ensope uma galinha com bastante tomate, separe a carne, sem peles, e parta aos pedacinhos. Deite os ossos e peles de novo no môlho, junte 1 colher de cebola tostada na manteiga, 1 cálice de vinho, 1 xícara de água e leve a ferver. Junte o fígado da galinha, passe tudo pela peneira e adicione 1 colher de manteiga. Cozinhe 200 gr. de talharim, escorra e vá arumando na fôrma preparada as camadas de talhariam, do picado da galinha e do queijo ralado. Por último regue com um pouco do môlho e cubra com 3 ovos batidos. Leve a assar em banho-maria. Não desenforme logo ao sair do forno para que não se parta. Junte ao resto do môlho, 1 latinha de «champignons» escorridos e partidos em rodelas, despeje sôbre a fôrma e sirva quente. Pode substituir a língua por presunto.





Um pouco de beleza

MAQUILAGEM

A MAQUILAGEM dá muito maior realce à beleza feminina, mas isto acontece quando ela é bem combinada. Nada mais desagradável do que o uso de baton, base ou pó de arroz em diferentes tonalidades. Antes de entusiasmar-se por êste ou aquêle novo produto, procure verificar se há um tom que realmente se adapte à sua cútis. Há quem considere as consultas de beleza uma futilidade. Procure no entanto uma orientação para o tom de maquilagem que melhor se harmoniza com o seu tipo, estatura e côr de pele e verá os magníficos resultados que obterá.

A FALSA IDÉIA de que o excesso de maquilagem favorece para disfarçar a idade ou o cansaço, deve ser abandonada. Quanto mais se sobrecarregar o rosto com demasiada pintura, mais visíveis se tornarão as imperfeições que o rosto apresenta. O prolongamento feito a lápis no canto dos olhos, também deve ser observado com cuidado e nunca deverá ser exagerado. Os olhos grandes e os já por natureza amendoados não ficam bem quando prolongados, trarão ao rosto um aspecto demasiado artifical. Procurando disfarçar ou realçar qualquer detalhe do seu rosto, procure fazê-lo, na medida do possível, imitando o natural.

OS LÁBIOS PINTADOS fora do contôrno natural, poderão ser ligeiramente delineados, no caso de serem demasiado finos. Com os rostos arredondados, absolutamente não se adaptam. Nunca é demais assinalar o mau aspecto que apresentam várias maquilagens colocadas umas sôbre as outras. Quando pela segunda vez voltar a pintar-se, em um mesmo dia, procure retirar totalmente os resíduos que ainda permanecem sôbre a cútis, com o auxílio de um creme especial ou mesmo de água e sabão.

Por êsse *Mundo* de Deus

A MÃE

Esta é a mãe de Wilma Montesi, que originou aquilo a que os jornais europeus estão chamando de «maior crime do século». Até agora, nada se sabe ao certo sôbre Wilma — e é o que a mãe diz, entre lágrimas, aos repórteres.

JAZZ NO ATELIER

Ivy Nicholson, que se vê nesta fotografia, foi surpreendida num restaurante romano. Aquela que é considerada «a mais bela dos manequins do mundo», acha-se em companhia do príncipe Pepino Pignatelli de Aragona Corteza. É sabido que todos os Pignatelli se ocupam de «jazz» e da pintura, daí o título...







LA MAGNANI

Ana Magnani, a atriz sem «glamour», continua recebendo calorosas manifestações na América. Ei-la com a equipagem do «Andrea Doria», antes de chegar a Hollywood, onde foi interpretar «A rosa tatuada» com Burt Lancaster, cuidadosamente extraído da peça de Tenessee Williams.

LA VITALLE

Milly Vitale, (à direita) considerada embaixatriz do cinema italiano, está aqui carregada — e muito bem carregada — por Rocky Marciano e George Ralf. Ambos aparecem com Milly no filme «Eddie Foy» (U. S. A.).





O MARIDO

Atenção! Aqui está Luís de Wallemberg que, segundo as últimas notícias, desposará Greta Garbo dentro em breve. Garbo, que tem 48 anos, depois do seu romance com Sotokowski não deu mais assunto ao falar ao mundo. Wallemberg é o primeiro apontado pelas más línguas.

JOANNA D'ARC

Ingrid Bergmann, que vemos aqui na gare de Londres, parece se ter impôsto a difícil obrigação de levar a peça de Claudel através da Europa. Ei-la em Londres, em companhia dos filhos, pronta para se apresentar ao público.

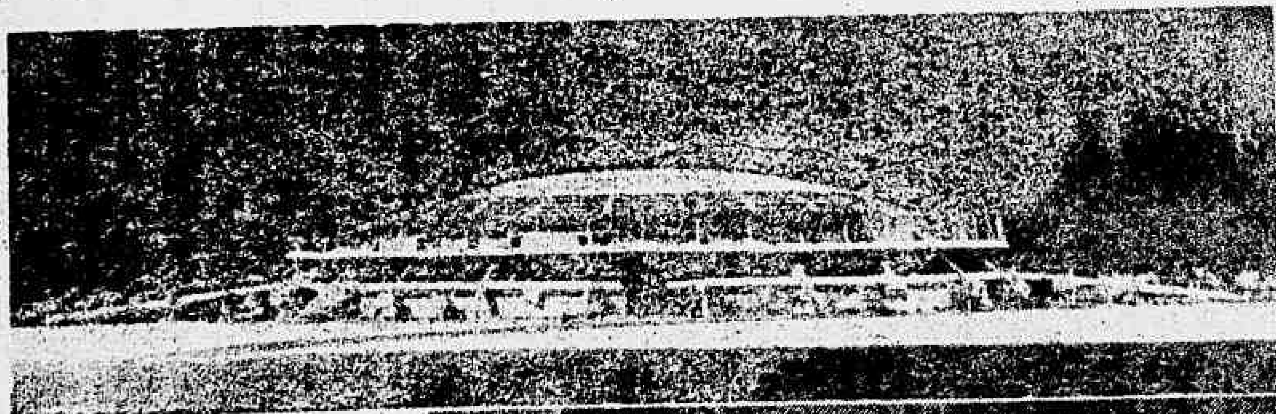
em louvor da gratidão...



A PROLAR vem a público agradecer o êxito dignificante alcançado pelo II Campeonato Mundial de Basquetebol realizado sob a monumental obra que é o Ginásio Maracanã.

À colaboração patriótica da Egrégia Câmara Municipal desta cidade, à Prefeitura do Distrito Federal, á Imprensa Brasileira, á técnica dos engenheiros patrícios, ao labor incansável do operário brasileiro, ao esfôrço da A. D. E. M., ao altruismo da C. B. B., e também ao povo que soube prestigiar com sua presença constante a gigantesca realização em prol do engrandecimento esportivo do Brasil, a PROLAR S. A., satisfeita do dever cumprido,

agradece...



PROLAR S. A. **CONSTROI PARA A GRANDEZA DO BRASIL!**

TEMPO DE ESPERA

● Chegando ao livro com um estilo definitivamente realisado, com um excelente e tranqüilo
domínio da língua, Ricardo Ramos não apresenta aquelas hesitações naturais num estreante.
Pisando firme e seguro no terreno do estilo, também não lhe falta a capacidade de fabulação, o
domínio da boa técnica de narrar o dom de observar com argúrcia e inteligência. Seus contos, que
ora recordam a infância nordestina ora tipos e acontecimentos citadinos, tanto se enquadram
como histórias onde a preocupação pela sorte dos homens se traduz em piedade como em sátira
ou revolta. Num e noutro caso, aliás, o autor de «Tempo de Espera» demonstra a mesma segu-
rança de composição e de estilo, não lhe causando embaraços a mudança de ambientes ou de
tipos humanos. No domínio da ficção, portanto, e muito principalmente no gênero da história curta,
a estréia de Ricardo Ramos vem marcada por um autêntico sinal de renovação. O autor de «Tempo
de Espera», segundo indica o seu próprio livro, é um nome a ser guardado pela crítica, isto porque
sua estréia não é apenas uma promessa. Como escritor e ficcionista, Ricardo Ramos é uma
realidade consistente, palpável, destinada com certeza a figurar na primeira linha do conto bra-
sileiro moderno. Ainda no limiar da maturidade, pouco lhe falta para ser completo e perfeito. Sua
consagração, por isso mesmo, será apenas questão de tempo, que não será longo nem difícil para
a sua mocidade já vitoriosa.

ANTÃO PEDROSO

NOTICIÁRIO



Valadares

Um mistério que se aclara: os livrinhos do sr. Dalton Trevisan pertencem a uma coleção que se chama «Cadernos de Cordel». Nela, o jovem autor acaba de publicar «A morte dum gordo».

— : : —

Da autoria do sr. Aluísio Medeiros é «Lírica», uma edição «Clã».

— : : —

O poeta Décio Victório acaba de gravar seus «Poemas» com acompanhamento de um passarinho.

— : : —

Ciro dos Anjos, através de correspondência, vem discutindo seu novo romance ainda sem título. Sabe-se no entanto que segue a moda, tentando o painel. E outra moda: a dos meios políticos.

— : : —

O romancista Benedito Valadares parece ser o personagem principal do romance do político Ciro dos Anjos. Ciro defende-se — não é o Benedito. Mas deve ser.

— : : —

Outro romancista que retrata meios políticos — Amando Fontes. Seu «Deputado Santos Lima» está sendo aguardado com ansiedade.



Sartre

— : : —

Outro romancista que se preocupa com problemas políticos: Fernando Sabino. O romance que acaba de concluir, retrata inquietações políticas (inclusive) de uma geração.

— : : —

«O escorpião» é o título do novo romance de Cornélio Pena.



RETRATO — Eis aqui um flagrante da discreta homenagem que a Casa de
Machado de Assis prestou à memória de Roquete Pinto. Trata-se da inaugu-
ração de um retrato feito pela pintora Maria Luiza Maciel Pinheiro e estiveram
presentes, entre outros imortais, Múcio Leão, Gustavo Barroso, Aloysio de Cas-
tro, Peregrino Júnior e Oswaldo Orico.

O QUE ÊLES DIZEM

● NO BRASIL



José Lins do Rêgo: «Em momentos de crises e de perigos, os políticos brasileiros têm dado provas de que não são tão nocivos quanto parecem».

• • •

Elsie Lessa: «Já não se reúne em paz uma família à volta de uma mesa três vêzes por dia. São pobres máquinas de trabalhar e produzir que chegam apressadas diante de uma geladeira, de uma lata ou de uma «cafeteira» e de máquina de calcular na mão, contam as calorias que podem ou devem ingerir».

• • •

Thiago de Melo: «Não sou um modêlo de anjo, reconheço» Mais modesto: «Tenho os meus defeitos, confesso». E desabafando: «Mas também não sou lá dos piores...»

● NO ESTRANGEIRO

Albert Beguin possui na sua mesa um grupo de estatuetas (Mestre Vitalino) representando dois cirurgiões prestes a operar um paciente. Segundo um repórter francês, essas estatuetas levadas do Brasil, são destinadas a desenvolver o gôsto das operações entre os doentes.

• • •

Daniel Rops chama o número 42, da rua Bonaparte, de «Casa do diabo». Foi ela habitada por Sartre, que lá escreveu «O diabo e o bom Deus», por Beatrice Beck, autora do romance «Morin, padre», que cheira a lenha sêca e por Anne Debrausé, que acaba de terminar «Escolhi o diabo».

• • •

Flores Schmitt, famoso compositor, declara: «Não me falem mais de Bach desde que minha empregada assovia a «Paixão segundo São Mateus».



«A ÚLTIMA FELICIDADE» é um filme sueco de grande classe.

EQUILÍBRIO NO BALANÇO DE 1954?

OCTAVIO DE FARIA

A afirmação feita no número anterior desta revista de que o ano de 54 apresentara, como característica essencial, um relativo equilíbrio entre as produções americana, francesa e italiana, poderá causar estranheza. E exigir, não digo uma retificação, mas uma colocação de certo modo particular, limitada ao plano da produção de qualidade. Isto é: o que houve foi equilíbrio de qualidade entre as grandes produções apresentadas pelos três países. Mas não houve, nem podia haver, equilíbrio de quantidade. Muito mais numeroso e muito melhor atualizado entre nós, o contingente americano teria de apresentar um número muito maior de filmes dignos de consideração. De modo que, para poder estabelecer a comparação geral, só me pareceu justo tomar em consideração as grandes produções — um certo número de filmes de qualidades incomuns, digamos: os **expoentes** do ano. Nesse sentido, franceses, italianos e americanos rivalizaram perfeitamente. Seus contingentes se equivaleram mais ou menos e foram todos êles dignos de grandes encômios.

● Se partirmos, porém, para a produção geral, veremos que o desequilíbrio logo se estabelece. Assim, para uns dez ou doze filmes dignos de exame, seja de origem francesa, seja de origem italiana, (e não falemos de outros contingentes menores, como o inglês) teremos de alinhar mais de trinta de proveniência americana. Com isso não queremos dizer, todavia, que o cinema americano seja, presentemente, superior ao francês, italiano ou inglês. Em absoluto. O desequilíbrio ora assinalado é considicionado por dois fatôres essenciais.

● Em primeiro lugar, a boa distribuição da produção americana (aliás, muito mais numerosa do que qualquer outra). Depois: a péssima, a inacreditàvelmente péssima distribuição dos filmes franceses, italianos, inglêses, para não falar de outros como os alemães, suecos ou japonêses. Não que a distribuição americana seja perfeita. (Já foi muito melhor.) É razoável, boa mesmo — a ponto de, no fim de seis meses, um ano, estarmos mais ou menos a par do que se exibe nos Estados Unidos (prêmios do ano, etc). Em contraposição, o que se pode dizer da distribuição dos filmes de outra proveniência, senão que é ridícula?

● Certo, cada ano vemos um determinado número de produções inglêsas, uma quantidade um pouco maior de francesas e, nesses dois ou três últimos anos, um número ainda superior de italianas. A que correspondem, porém, êsses filmes? A produção do ano, nesses diversos países? A do ano anterior? A dos dois, três, quatro últimos anos? De forma alguma. Nenhum sistema, nenhuma lógica — puro caos, confusão: uma babel de filmes de classe e de ridicularias, exumação de fósseis inadmissíveis e provocações eróticas, disparates de tôda espécie. Da própria produção italiana, um pouco mais numerósa e, hoje, tão fàcilmente aceita pelo nosso público, o que temos tido? Não obstante a ótima idéia dos «festivais», (que nos permitiu ver **alguma coisa** do que se faz **quase atualmente** na Itália) que idéia se pôde fazer da produção peninsular, em geral, ou do neo-realismo, pelo que exibiram os nossos cinemas? Uma ou outra obra de interêsse, afogada numa série de filmes sem a menor expressão, de diretores mais ou menos inexistentes, produzidos quase todos há oito, dez anos atrás. E não teria êsse cinema outras coisas a mostrar? Contra êle não teria sido cometido um terrível crime de «engavetamento»?...

● É o que procuraremos demonstrar, exemplificando, no próximo número. E isso, tanto em relação ao cinema italiano, como ao cinema francês, inglês e outros, que sofrem, exatamente, do mesmo mal: **distribuição alucinada.**



«A CRUZ DE MINHA VIDA» está situado entre os dez melhores do ano.



«INFERNO 17» apresentou uma direção francamente excepcional.



«CRIME DE UMA ALMA» foi mais do que um grande trabalho de L. Bosé.

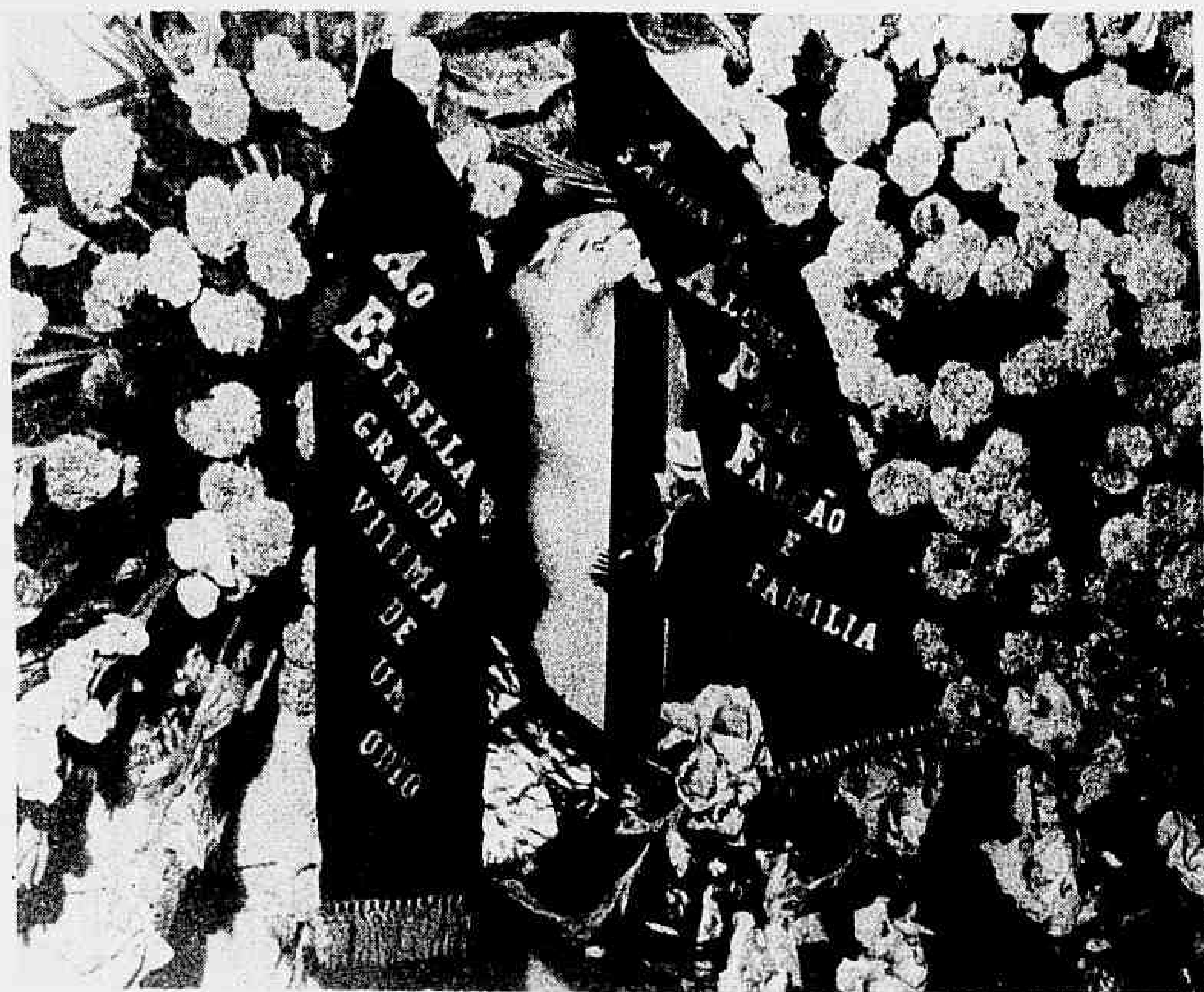
ECOS DE UMA TRAGÉDIA

O entêrro de Edgar Estrêla — A "vítima de um grande ódio" — Aspectos do funeral

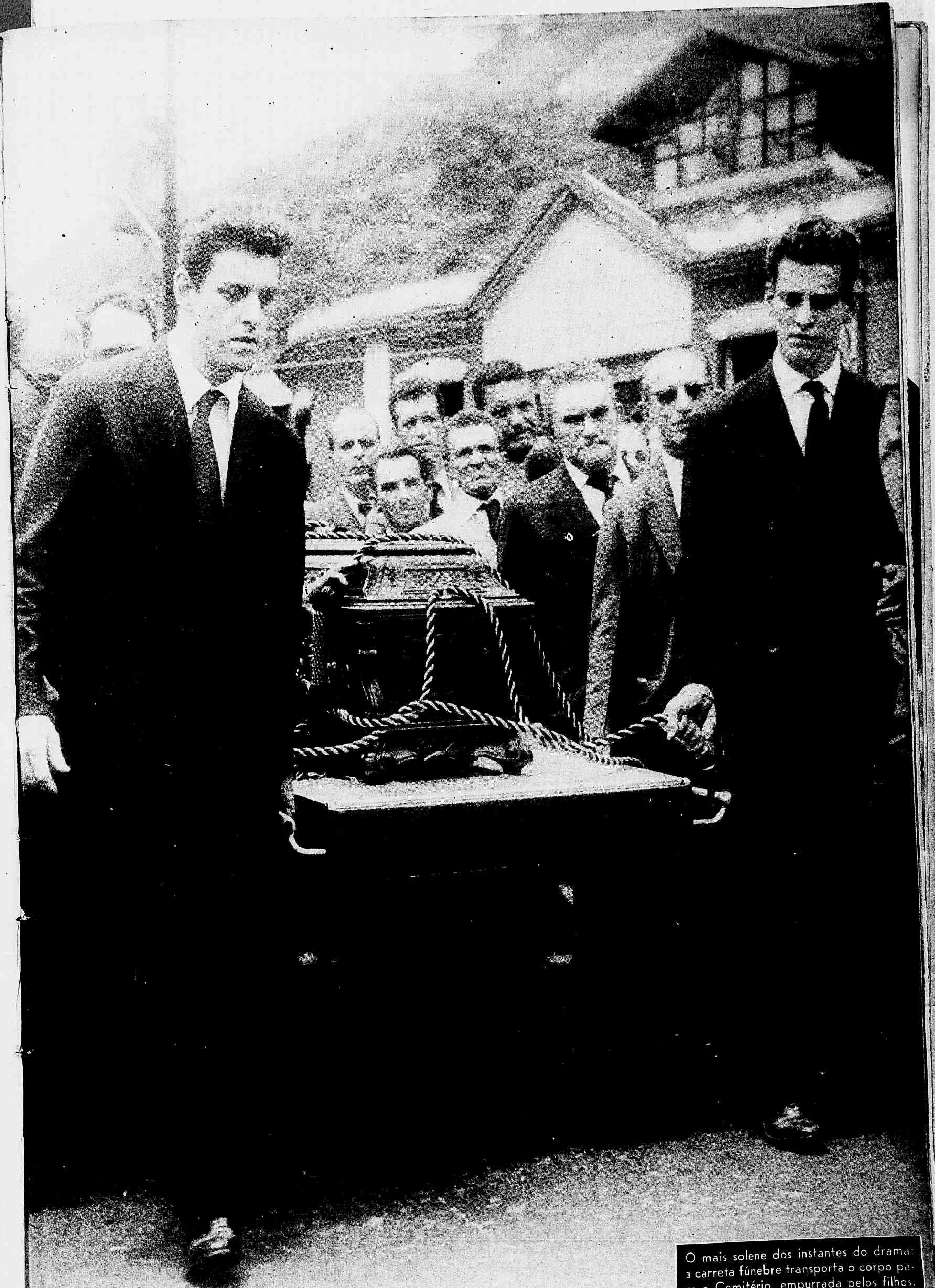


Dona Julieta Estrêla parece centralizar, no drama, a atenção de todo mundo. De luto, ela contempla inconsolável a figura do marido morto.

MORTO Edgar Estrêla, restam ainda as conjecturas em tôrno dos acontecimentos que o teriam arrastado a uma morte tão brutal. Conhecido como o "ditador perpétuo do Trânsito", dissolveu no sangue, num ato talvez irrefletido, tudo o que pode desejar a ambição de um homem, isto é, o lar, uma posição, o futuro inteiro. Resta-nos indagar diante do confrangedor acontecimento, quais as razões secretas ou não, que o teriam levado a desistir da vida. Evidentemente, a resposta ainda é uma incógnita. Nada podemos fazer senão contemplar as testemunhas e comparsas do drama: seus dois filhos, que com ar tão desesperado seguram as alças do caixão, sua espôsa enlutada, que sob os óculos escuros contempla uma última vez a figura do morto, as legendas que sobraram entre as flôres murchas das coroas. Uma dela diz muito significativamente: "Ao Estrêla grande vítima de um ódio". Estaria aí realmente a explicação do mistério? É possível. Mas de qualquer modo, e qualquer que seja a solução final, a verdade é que o gesto brutal deixou todo mundo estupefato; qual é pois a verdadeira razão de um suicídio que pela sua brutalidade ainda estarrece o país inteiro? As acusações públicas de um dos filhos de Estrêla ainda mais nos permitem inquirir dêsses motivos; a razão viria por certo dissipar muita sombra em tôrno dessa memória ilustre.



A coroa parece fornecer uma explicação. Seria justa a acusação do filho mais velho de Estrêla denunciando uma intriga burocrática?

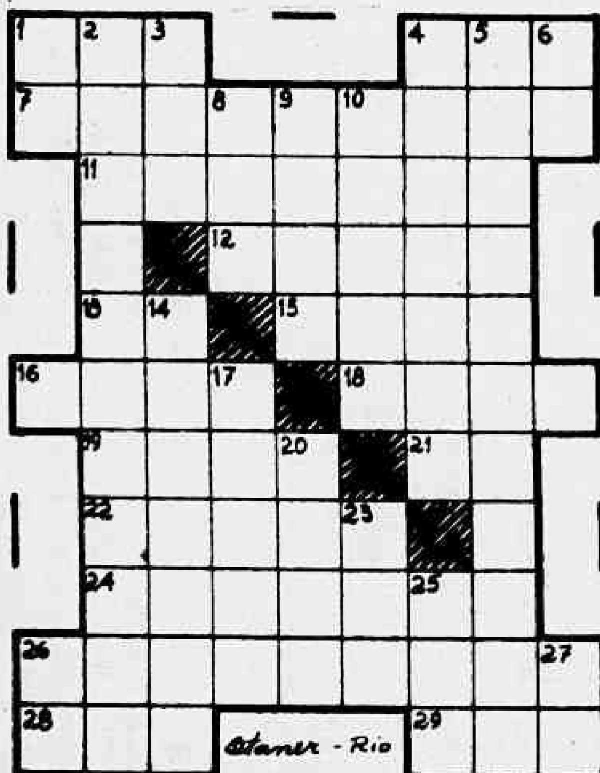


O mais solene dos instantes do drama: a carreta fúnebre transporta o corpo para o Cemitério, empurrada pelos filhos.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 45

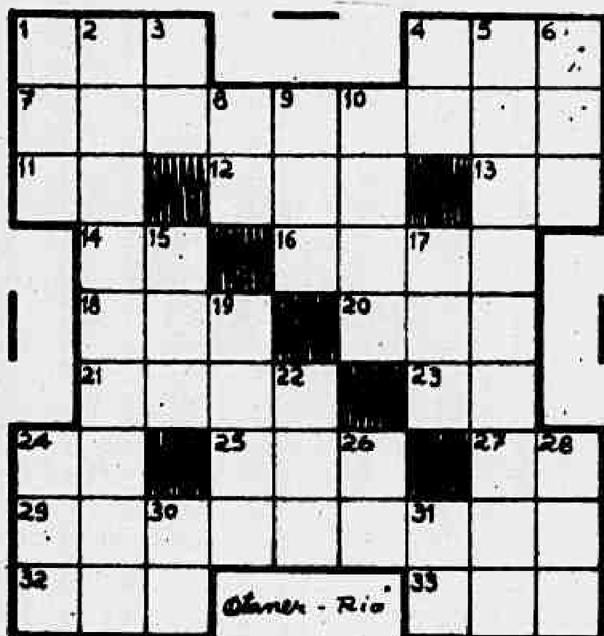
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Prefixo grego que exprime igualdade — 4. Constelação austral — 7. Travessuras — 11. Relativo ao céu da bôca — 12. Gênero de palmeiras — 13. Alto lá! — 15. O mesmo que jarro (planta) — 16. Carabina — 18. Travesseiro almofadado — 19. Ancoradouro — 21. Duas vogais — 22. Mulher da casta dos naires — 24. Abasteceria uma embarcação para se lançar à água — 26. Homem apaixonado por idéias antigas — 28. Rei de Judá (944-904 A.C.) — 29. Corrias.

VERTICAIS: — 1. Pai de Hupim e Supim — 2. Sapatos grosseiros e mal feitos — 3. Cada uma das seis divisões de cada tribo ateniense — 4. Abarrota — 5. Cintilara — 6. Medida romana de pêso — 8. Sufixo vernáculo deminuitivo — 9. O Inferno dos malês — 10. Torna a fazer — 14. Árvore da família das Artocarpáceas — 17. O mesmo que tesoura (gíria) — 20. Terra arroteada — 23. Cem metros quadrados — 25. Terceiro — 26. Símbolo de metal alcalino de pêso atômico 40,07 — 27. Artigo plural.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Rio que separa o Paraguai — 4. Medida holandesa de capacidade para líquidos — 7. Doutrina de Ário — 11. Criminosa — 12. Satélite da Terra — 13. Símbolo do érbio — 14. Basta! — 16. Lavrar a terra — 18. Época — 20. Aranha amazônica — 21. A espôsa do filho — 23. Antes de Cristo — 24. Luz que emana da ponta dos dedos — 25. Fileira — 27. Prefixo que denota proximidade — 29. Censura — 32. Pedra do altar — 33. Grande porção.

VERTICAIS: — 1. Rio da Suíça — 2. Tencionar; aspirar — 3. Gemido — 4. Pessoa exímia — 5. Da América — 6. Maior — 8. Outra coisa — 9. Despida — 10. Mãe-dágua — 15. Argola — 17. Quer bem — 19. Cultivar — 22. Lá — 24. Reza — 26. Sigla automobilística do Amazonas — 28. Conceder — 30. Aqui — 31. Seguir.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 44

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — arola — rebos — Ar — ita — Ma — bei — Gam — observara — leal — azur — interlope — nte — sal — ao — afã — só — imane — raros.
VERTICAIS: — ar — rei — obter — loa — as — abolina — rebento — marupás — amarelo — isate — gazos — êle — val — rafar — amã — ano — ir — es.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — ocra — cala — rã — cie — ar — miara — readmitir — cri — côr — monotonia — ásaro — ta — ali — em — alas — alma.
VERTICAIS: — orar — cá — acidiosas — cericoria — lá arar — iam — marna — átono — eco — iri — mata — tal — arma — al — em.

ECOS DE UMA TRAGÉDIA



Nas faces consternadas dos que acompanham a viúva do sr. Edgar Estrê-



A Inspetoria de Trânsito não podia deixar de comparecer aos funerais de Estrêla. Aí estão as



trê-

la parece imprimir-se a mesma pergunta que todo o país repete: porque?



motocicletas vazias na rua e, dentro, a face desolada, daqueles que em vida o acompanharam.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 18 E 24 DE DEZEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A discrição será a primeira condição de êxito nos seus negócios, durante a semana em pauta. A concorrência e a traição seguirão seus passos muito de perto, podendo, assim, arruinar todos os planos.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sua intuição dará o máximo de rendimento na semana entrante. Observe seus próprios pensamentos e atente nas idéias que lhe ocorrerem. Não terá decepções e colherá o fruto do seu esfôrço e do seu trabalho.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Seus projetos já programados, poderão ser lançados, agora, com tôda segurança. A semana será auspiciosa para suas iniciativas, para tudo o que empreender, respeitados os limites do justo e do rasoável.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor desfrutará na vigência da semana em causa, uma situação privilegiada. Terá muita chance nos negócios profissionais e na vida sentimental. Os reflexos da ambiência dos astros serão os melhores na vida social e nas atividades domésticas.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Os melhores dias para o leitor, na próxima semana, serão 17, 19, 21 e 24. Os dias restantes não serão desfavoráveis, é certo, mas carecerão de importância, especialmente quanto às finanças e quanto à economia.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Acontecimentos inesperados e de certa violência poderão ocorrer entre os dias 18 e 20 do corrente. Felizmente, no caso do leitor, a violência não significará destruição, alguma coisa grave.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não modifique, de qualquer modo, a conduta mantida até agora. O novo período não lhe favorecerá os movimentos e as atitudes. Os piores dias serão 18, 20 e 22. Não empreenda qualquer viagem.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O grosso do influxo planetário atingirá seu patrimônio e sua vida sentimental, favoràvelmente. Terá chance, igualmente, na assinatura de documentos e na efetivação de contratos de qualquer natureza.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Ponha em prática suas idéias. O período lhe assegura perfeito equilíbrio na ação e no julgamento. O leitor terá, igualmente, o concurso de circunstâncias mais promissoras. Os melhores dias, no seu caso, serão 19, 21, 23 e 24.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Suas possibilidades no campo dos negócios, do jôgo e das especulações serão muito limitadas, no curso da semana. Abstenha-se da solicitação do concurso de terceiros, de pessoas estranhas à entourage.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A semana lhe dará uma ambiência salutar a qualquer novo empreendimentos. Os negócios em pauta ou em andamento, serão estimulados convenientemente até a solução final e desejada. Bons ventos lhe levarão o barco.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Ótimas oportunidades serão oferecidas ao leitor, notadamente nos dias pares da semana em curso. Não se exceda, porém, no terreno do amor. Vênus o olhará de esguelha e não lhe dará a menor chance.

OS NOMES DA SEMANA

Dezembro,	18	—	João	—	Joana
"	19	—	Márcio	—	Elba
"	20	—	Cícero	—	Euda.
"	21	—	Etelvino	—	Márcia
"	22	—	Justino	—	Eunice
"	23	—	Sérvulo	—	Marina
"	24	—	Alfredo	—	Ana

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Dezembro,	18	—	26º - 2' - 8"	(Signo do Sagitário)
"	19	—	27º - 3' - 14"	" " "
"	20	—	28º - 4' - 20"	" " "
"	21	—	29º - 5' - 27"	" " "
"	22	—	00º - 6' - 35"	(Signo do Capricórnio)
"	23	—	1º - 7' - 43"	" " "
"	24	—	2º - 8' - 52"	" " "

"TROPEIROS"

NO DUSE

BRUTUS PEREIRA

No Duse, foram representadas, uma em seguimento da outra, duas peças de enrêdo localizado no Rio Grande do Sul. A primeira, «Da Mesma Argila», é de Maria Inês Barros de Almeida, autora gaúcha; a segunda, «Tropeiros», de Ivan Pedro Martins, escritor mineiro. Curioso é que justamente a segunda procure aproximar-se mais do pinturesco regional. Se «Da Mesma Argila» pode desenvolver-se em qualquer lugar onde ainda perdure o fato jurídico que deu razão de ser à peça, «Tropeiros», não tanto por seu assunto quanto pela linguagem que falam seus personagens, só pode acontecer na zona pecuária do Rio Grande do Sul. Provàvelmente, o escritor mineiro viu com olhos de estranho o exotismo dos hábitos, da fala, da indumentária dos campeiros gaúchos, exotismo que o seduziu e que à autora sul-riograndense deve inspirar, apenas, o desinterêsse do cotidiano. Como obra teatral, «Tropeiros» é quase inexistente. Compõe-na uma série de esboços, alguns totalmente desprovidos de ação, outros em que a ação não leva a conflito algum; num dêles, João, campeiro com vocação para iluminado, faz aflorar a possibilidade dum problema social, que daí não passa; outro, o último e único dramático, a dramaticidade é prejudicada pela curta duração da cena. Em suma: na falta de ação que dê hierarquia teatral à obra e se processe através dêles, os quadros ligam-se entre si apenas pela localização geográfica e as particularidades que daí decorrem. Houve quem visse em «Tropeiros» um bom roteiro cinematográfico. Não concordo com êsse modo de ver. A essência do Cinema, como a do Teatro, é a ação que leva ao embate, ao choque, ao conflito de idéias ou sentimentos, através das criaturas humanas. Diferem sim, essas duas artes, e muito, na técnica que empregam, nos meios de que se valem para contar a ação. Seu ponto de partida, porém, é o mesmo. Tentemos fazer um filme ou representar uma peça em que não haja conflito: teremos o documentário, o «show», o quadro vivo, o desfile histórico, o que quiserem, exceto Teatro e Cinema de verdade. Também houve quem classificasse «Tropeiros» mais como documentário que como peça teatral. Não é opinião descabida, se a considerarmos em determinado sentido: documentário lingüístico, principalmente, e do ambiente intelectual e psicológico, por assim dizer, criado por essa maneira de falar. Como documentário de ambiência física, de meio social, de costumes, de vestiária, «Tropeiros» carece de dois requisitos essenciais: precisão e exatidão. Para mim, gaúcho nascido e criado nos pagos do Sul, os meus co-estaduanos que Ivan Pedro Martins trouxe para o palco do Duse foram uma surprêsa de estarrecer. Dar-lhes o valor probante dum documentário seria admitir que a vida, nas fazendas de criação do Rio Grande, regrediu de modo assustador. As férias, na minha infância e adolescência (oh! que saudades que tenho, etc.), foram um andar embevecido por estâncias de famílias de colegiais amigos meus, ou de amigos de meu pai. Não eram estâncias grã-finas, como algumas que tenho visitado, em São Paulo e Minas Gerais. Longe disso. Seus donos, na maioria, pertenciam à classe dos estancieiros remediados e, se abundância de passadio havia, proviam-na a horta farta, o belo pomar, as manadas e rebanhos pródigos de bom leite e bons churrascos. A vida era simples, limpa, sem requififes, não raro humilde; a noção de confôrto, elementar. Entretanto, em minhas andanças, que não foram poucas, nunca se me deparou pobreza parecida, mesmo de longe, com a miséria dos peões da peça do Duse. Jamais pus olhos em campeiro de pé no chão. Por que não andavam descalços, não sei explicar. Talvez a espora e o estribo não se adaptassem bem ao pé nu, privado da firmeza que a bota, a reiúna ou mesmo a alpargata lhe davam. Calças, raros usavam-nas; se as punham, era por baixo do chiripá, quando não andavam de bombacha. Outras peças de vestimenta comum: o cinto largo, com fivela e, às vêzes, recamos de prata; o colete, sôbre a camisa; e lenço, no pescoço; o chapelão de aba larga, prêso ao queixo pelo barbicacho de guasca bem sovada, ou, nos dias de festa, de cordão de sêda com borla; o poncho, nos ombros ou enrolado na garupa do cavalo. Por isso, doeu-me ver os tropeiros maltrapilhos, de vida tão feia e pêca, da peça de Ivan Pedro Martins, em contraste com aquêles de quem me lembro, ágeis, livres, independentes, alegres, donos dum bem-viver mantido por aspirações que não iam além da linha do horizonte, onde o campo se junta ao céu. E também por isso pareceram-me falsas e tendenciosas as falas de insatisfação em que alguns campeiros e João aludem a melhorias que são acenos a futuras reivindicações sociais. Lástima é que Ivan Pedro Martins, com seu bom e típico dialogar sul-riograndense, não tenha vestido, em vez dos inconsistentes esboços de «Tropeiros», um enrêdo que mostrasse características psicológicas dos homens das planícies gaúchas, como, por exemplo, o culto da amizade, vanguardeira das demais relações humanas; o conceito quase medieval da honra doméstica; o senso exagerado da hospitalidade, que ainda estão à espera de quem os trate devidamente e lhes dê vida no palco. Carlos Murtinho, na direção de «Tropeiros», fêz o que pôde dum texto de escassas possibilidades cênicas. Moveu bem os personagens, deu ritmo e homogeneidade à representação, conseguiu bom rendimento do elenco. Cenários de Mário Carneiro, bons, em função do texto; inexpressivos, como côr local. E agora, vou sair à cata de «Fronteira Agreste» e de «Caminhos do Sul», os dois romances de Ivan Pedro Martins, para ver se nêles encontro o Rio Grande do Sul que seu autor não me deu em «Tropeiros».



DULCINA E DARY REIS em «Figueira do Inferno» que obtém sucesso atualmente. O autor é Jorací Camargo

NOTICIÁRIO

Três espetáculos de primeira classe mantêm-se em cartaz, em São Paulo: «O Canto da Cotovia» de Jean Anouilh, pelo elenco de Sandro e Maria Della Costa, dirigido por Gianni Ratto; «Cândida», de Bernard Shaw, no T. B. C., dirigido por Ziembinski, e «Sinhá Moça Chorou», de Ernani Fornari, no Leopoldo Fróis, pela companhia de Nídia Lícia e Sérgio Cardoso, dirigido pelo próprio Sérgio, o qual ao que nos consta, fêz uma belezura do texto de Fornari.

• • •

«O Tablado» continua enriquecendo, à custa de «Nossa Cidade», de Thornton Wilder, da qual fêz um espetáculo seríssimo e de alta classe, que será assunto de uma de nossas próximas crônicas. No ritmo em que vão os acontecimentos, entendidos no assunto predizem que, dentro de breve, os componentes de «O Tablado» abandonarão o palco para dedicarem-se a atividades bancárias e financeiras.

• • •

Encerrou-se, com grande brilho, o Primeiro Congresso Paulista de Amadores Teatrais. A impressão deixada foi explêndida e muito é de esperar das próximas realizações dos grupos paulistas.



WILHELM BACKHAUS, um dos grandes mestres do piano, de todos os tempos, e sua espôsa, brasileira nascida em Curitiba, no Paraná. Backhaus está programado pela Associação Brasileira de Concertos, para a temporada de 55

• • •

José Renato ofereceu um coquetel à imprensa e ao mundo teatral paulista, para apresentação das obras de seu Teatro de Arena, que tanto êxito obteve aqui no Rio, no Ministério da Educação e em alguns clubes esportivos.

LOJAS DA PERFUMARIA MEYER



LOJA 2

LOUÇAS
CRISTAIS
PORCELANAS
PRATÀRIAS
ARTIGOS PARA NATAL



LOJA 1

PERFUMARIA E SALÃO DE CABELEIREIROS

LOJA 5 - Camisaria

CAMISAS
GRAVATAS
PIJAMAS
MEIAS
LENÇOS
CINTOS ETC.

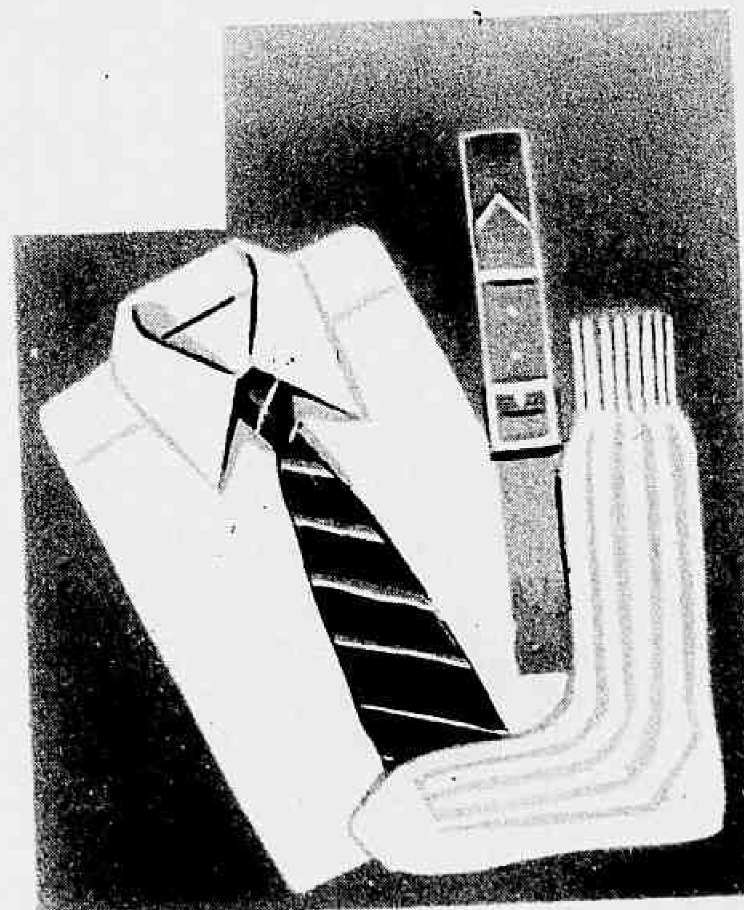
LOJA 3 - Sapataria

SAPATOS PARA HOMENS SENHORAS E CRIANÇAS



LOJA 4 - Chapelaria

CHAPÉUS E ARTIGOS PARA ESPORTES



VIEIRAS DE CASTRO & CIA. LTDA.

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — — 29-1850 — 29-1479 — 29-1786

FÁBRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefones: 29-075

AFIRMA O CORONEL ADIL DE OLIVEIRA:

"HABITANTES DE OUTROS PLANÊTAS JÁ SE ENCONTRARIAM NA TERRA"

ADMISSÍVEL A TESE DE QUE OS DISCOS-VOADORES SEJAM DE ORIGEM EXTRA-TERRENA ★ RELATÓRIOS IMPRESSIONANTES ★ UM MOTORISTA VIU UM DISCO POUSAR EM SÃO PAULO, NO DIA 2 DE NOVEMBRO ÚLTIMO ★ ESTAMOS PRÓXIMOS DA CONCLUSÃO FINAL DA MAIOR INTERROGAÇÃO DOS NOSSOS TEMPOS ★ FÊZ PALPITANTES DECLARAÇÕES AO REPÓRTER O CORONEL ADIL DE OLIVEIRA

Reportagem de MILTON SALLES

Fotos de ARNALDO VIEIRA



O cel. Adil de Oliveira fêz recentemente uma conferência sôbre o assunto — e é o responsável pelas declarações que aqui estampamos.

OS discos-voadores já deixaram de ser alvo de chacotas para se transformarem em impressionante realidade, constituindo apesar de tudo a maior interrogação dos nossos tempos. Desde 1952, quando a notícia do aparecimento de um disco-voador em Washington provocou verdadeiro pânico na população da capital estadunidense, a ponto de autoridades do Pentágono realizarem uma reunião entre as altas patentes militares e os jornalistas, o assunto vem apaixonando todo o mundo. E dia a dia novos e sensacionais depoimentos sôbre a aparição dos misteriosos discos são divulgados, empolgando a todos. Na França, por exemplo, já se encontra funcionando uma comissão para recepcionar visitantes extra-terrenos, que chegariam à terra como tripulantes de uma dessas naves inter-planetárias. Por outro lado, quase tôdas as fôrças aéreas de todo o mundo, inclusive a do Brasil, vêm-se dedicando a estudar carinhosamente a procedência dos estranhos objetos que de uns tempos a esta parte têm infestado os céus.

O coronel Adil de Oliveira, na qualidade de integrante do Estado Maior da Aeronáutica, é um dos oficiais que se estão dedicando a estudos e investigações sôbre os discos-voadores desde há 15 anos. Agora diante do repórter, longe daquela agitação do processo da rua Toneleros, êle fala mansamente sôbre o intrigante problema com a segurança dos que entendem do assunto:

— Pelas conclusões apresentadas por diversas pessoas de categoria, os discos são produto psicológico proveniente do estado de espírito da humanidade. Não são experimentos russos. Não são distorsões provocadas por explosões atômicas. Não são fenômenos de aberração. Perturbações magnéticas não podem ser responsáveis por fenômenos que pudessem ser confundidos com os discos. Não são balões cativos, como alguns chegaram a querer. Dificilmente seriam reflexo de luz. E, se os quisermos compreender como engenhos terrestres, são becos sem saída.

Depois, como que para corroborar suas assertivas, folheia umas pastas, retira algumas laudas dactilografadas e diz:

— Este é um dos muitos depoimentos que tenho em meu poder sôbre aparições dos discos-voadores. É uma narrativa impressionante, que chega às raias do incrível. Ouça: «No dia 2 de novembro dêste ano, aos

30 minutos, ao dirigir-me do ponto final do bonde Santo Amaro para minha residência, na rua Andaguará, deparei com um objeto de formato circular, com uns 15 a 20 metros de raio, apresentando em sua periferia uma iluminação difusa e de côr arroxeada. O objeto estava num terreno plano. Curioso, aproximei-me. Ao chegar a uns 20 metros de distância, parei, receioso, diante do volume daquela coisa estranha, que era muito mais alta do que me pareceu à primeira vista. Pensei em retroceder e procurar qualquer autoridade para relatar o fato. Com êsse intento, tentei correr e não pude. Quis gritar, mas vi com espanto que não seria capaz de pronunciar qualquer palavra, tal a emoção de que me achava possuído. **Dirigi-me, então,** mesmo sem ser meu desejo, ao objeto. Sem parar, penetrei no seu interior, sem que possa afirmar se foi por meio de uma escada ou rampa. Posso, porém, precisar que a entrada já estava aberta quando cheguei perto do objeto. No interior, notei o seguinte: sua forma interna era circular também, a luz era um tanto fôsca, mas não vi lâmpadas de qualquer espécie. No centro havia uma mesa de formato estranho, tendo na sua parte posterior uma entrada que me pareceu própria para uma pessoa sentar-se. Sôbre a mesa vi alguns mapas e entre êles um que apresentou claridade fosforescente, que reconheci como o da América do Sul. Procurei averiguar se havia algo escrito sôbre o mesmo, mas notei que só havia marcações que me pareceram semelhantes a cogumelos. Quando deixei de fitar o mapa, vi três pessoas à minha frente. Digo pessoas porque eram idênticas a mim, porém sua altura me pareceu mais baixa, de 1 metro e 50 centímetros para menos, de côr morena, cabelos **pretos e cortados bem baixo. Suas roupas pareciam** macacões, sem aparecer no entanto botões ou qualquer coisa conhecida para fechamento, a côr era cinza claro e todos portavam um cinto com um objeto esquisito que devia ser uma arma. Os três homens conversavam entre si por meio de palavras que não compreendi, mas notei claramente a predominância da letra K no início dos vocábulos. Tive a impressão de que êles sabiam qual era o meu pensamento. Sentia-me completamente aterrorizado e não me ocorreu a menor idéia de fazer qualquer pergunta aos homens que, sempre em pé, se mantiveram do outro lado da mesa. De repente, sem que eu saiba explicar, notei que estava andando em direção à saída do objeto e tive a impressão de que estava sendo libertado por uma atração sobrenatural. Saí do tal objeto e, nem mesmo na saída, pude notar se era rampa ou escada por onde passei. Depois de afastar-me uma dezena de metros, olhei para trás e vi o objeto a uns 10 metros **de altura do solo**, tendo, no centro, uma espécie de **parafuso sem fim**. Sem nenhum ruído, o objeto subiu a grande velocidade. Verifiquei novamente que em sua periferia havia uma luz arroxeada.»

O coronel faz uma pausa. Estuda o efeito do impressionante relato nas faces do repórter e do fotógrafo, e acrescenta:

— Êste depoimento do motorista Maurílio Braga Godói sôbre a aparição de um disco-voador em São Paulo chegou às minhas mãos há menos de uma semana. Vocês são os primeiros representantes da imprensa a tomar conhecimento dêles. Como êste, tenho em meu poder outros igualmente impressionantes. Ouça êste aqui, por exemplo, do vendedor de peças de automóveis José Gambero: «No dia 5 de janeiro, no local denominado Pau d'Alho, no município de Penápolis (São Paulo), quando passava pelo mesmo, fui chamado

...iscos Voadores



O mistério dos discos continua sugestionando o espírito humano. O cel. Adil, pondo de lado sua conferência pela primeira vez declara categòricamente à imprensa que êles existem e que os habitantes de outros planêtas já estão na terra

por dois silvos, semelhantes a um assobio, por um homem de estatura elevada, com 1,85 de altura, que caminhava em minha direção. Esta pessoa, dirigindo-se a mim, perguntou: «Moço, por favor, qual é a cidade que possui o quartel maior?» Respondi sem titubear: «Lins, Promissão e Penápolis». Perguntou-me, ainda, se eu não morava naquêle local. Ante a minha resposta negativa, insistiu na primeira pergunta. Agradeceu-me, disse boa noite e se afastou. Julgando tratar-se de um assaltante, afastei-me na direção em que seguia e, ao ultrapassar a porteira, após caminhar uns 5 ou 10 minutos, olhei para trás e vi um aparelho de formato circular, achatado, semelhante a um objeto oval, parecendo ser de côr escura. O homem que falou comigo trajava um macacão inteiriço e o aparelho não fêz qualquer ruído quando subiu vertiginosamente».

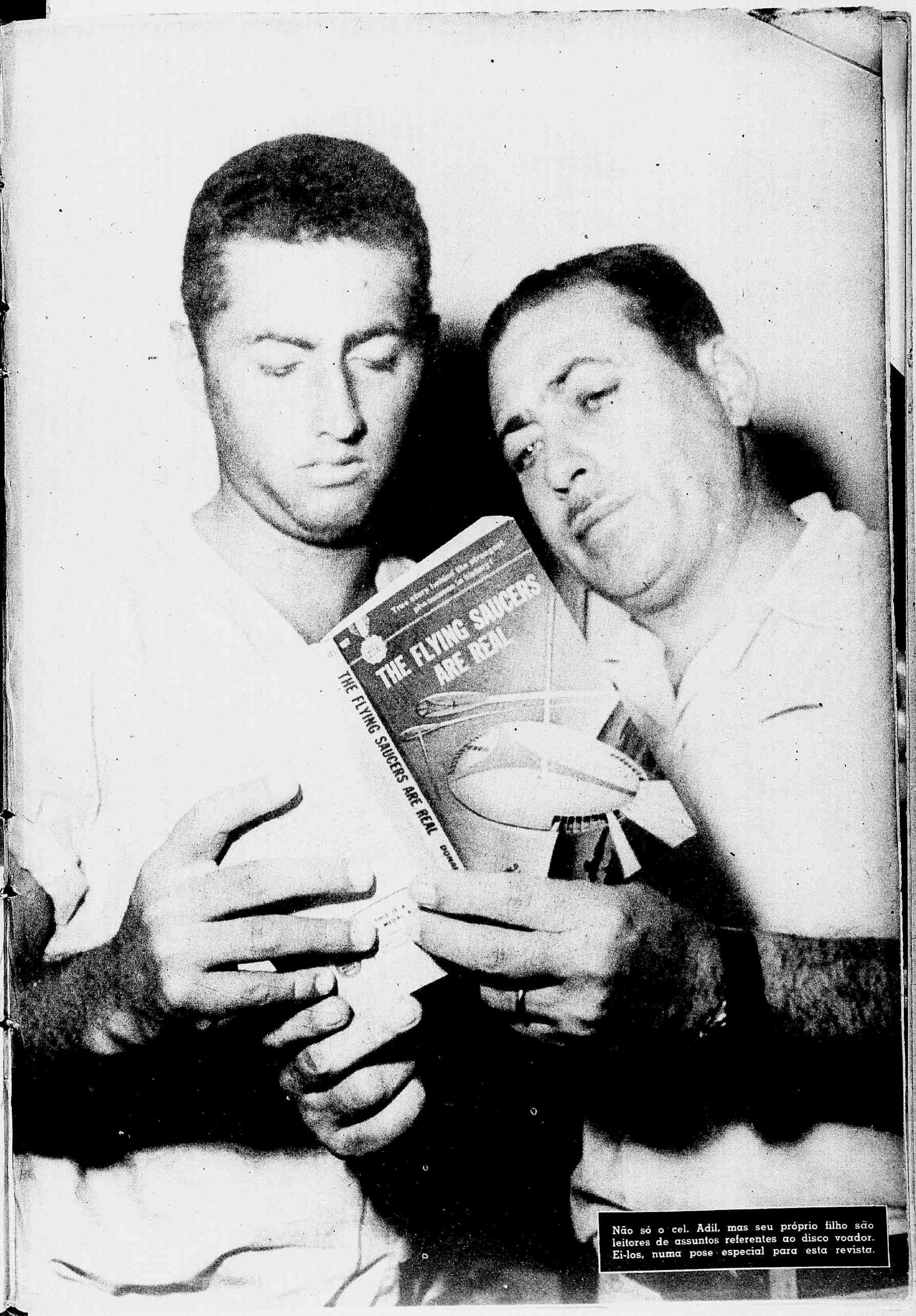
— Que é que o coronel diz de tudo isso?, quis saber o repórter.

O entrevistado coloca o cigarro calmamente na longa piteira e responde convictamente:

— Nos depoimentos sôbre os discos, vinte por cento constituem casos incríveis, para os quais não encontro explicação. Entretanto, acredito na existência dos misteriosos objetos. Aliás, admito a tese de que os discos-voadores sejam de origem extra-terrena, podendo ser naves inter-planetárias proveniente de Vênus, Marte ou outro planêta qualquer, pois creio na possibilidade de existir vida nos outros planêtas, uma vida diferente da existente na terra, apresentando formas que não nos sejam familiares, sendo também concebível que os entes vivos de outros planêtas sejam constituídos de células formadas de elementos diferentes das células dos sêres terrenos. As células dos viventes de outros planêtas poderiam, por exemplo, ser constituídas de silício e capazes de resistirem ao extremo frio ou a grande calor.

Nova pausa, desta vez para um cafèzinho, e prossegue o coronel Adil:

— A propósito, vale citar a narrativa verdadeiramente impressionante de um oficial norte-americano, que na fôrça aérea do seu país exerce funções semelhantes à minha. Certo dia, recebeu êle, em Washington, um telefonema de um cavalheiro que desejava falar-lhe. Marcaram encontro e, quando recebeu o visitante, notou ser um homem esquisito, alto, de feições estranhas. Sua conversa era meio complicada e os temas preferidos eram os discos-voadores, energia atômica e eletro-magnetismo. À medida que palestravam, mais impressionado ficava o oficial norte-americano com o



Não só o cel. Adil, mas seu próprio filho são leitores de assuntos referentes ao disco voador. Ei-los, numa pose especial para esta revista.

Flash carioca

PAULO ANDRADE LIMA



Juscelino — Balbino — Lacerda

● INDISCIPLINA — Uma carta de Carlos Lacerda a Fernando Veloso, datada de Lisboa, recomendava «discrição» em tôrno da pessoa e da candidatura do sr. Juscelino Kubitschek. O fato, porém, é que a recomendação do deputado mais votado no Distrito Federal não está sendo obedecida, já que a «Tribuna da Imprensa», entre os diários do Distrito, é o que mais acerbamente vem criticando (e atacando) o governador de Minas.

● MUNIFICÊNCIA — O sr. Assis Chateaubriand ofereceu no «Vogue», em dias da semana passada, um jantar ao comandante José Matoso (Sotto Mayor). Após o pequeno banquete, o chefe dos «Associados» chamou à parte o «maitre» da casa e deu-lhe, de propina, a importância de 10 mil cruzeiros.

● SEDUÇÃO — O grupo Wallace Simonsen, de São Paulo, através sua poderosa filial no Rio, tentou de tôda maneira, mas inùtilmente, interessar o sr. Jessé Café, irmão do Presidente da República, nos seus negócios cafeeiros. Comentário de Jessé Café, repelindo os «sedutores»:

— Café só tenho no sobrenome. O que entendo mesmo é de sal...

● AMEAÇA — O sr. Vinícius Valadares, o simpático, bem falante e dinâmico banqueiro, está ameaçado de perder o seu lugar na Diretoria do Banco Mineiro da Produção, em vista de se ter comprometido (embora não muito sèriamente) no «affaire» do Banco Central.

● DESISTIU — O sr. Antônio Balbino, governador eleito da Bahia, desistiu de sua viagem à Europa. Explica êle o motivo:

— Ninguém influi de longe na política brasileira. Foi-se o tempo do Epitácio...

● JORNAL — Um poderoso grupo de banqueiros mineiros pretende lançar dois jornais no Rio: um matutino e um vespertino, para a «cobertura» carioca da candidatura de Kubitschek.

● VITÓRIA — Augusto Viana venceu a batalha da Confederação das Indústrias. Nada adiantou a campanha contra êle.

● VICE — Fala-se com insistência na probabilidade de Juracy Magalhães formar a dobradinha com Juscelino.

● SOLUÇÃO — Gudin solucionou um processo do grupo Guinle que há vinte anos aguardava um despacho favorável.

● POLÍTICA FLUMINENSE — Horácio de Carvalho, candidato derrotado a vice-governador do Estado do Rio, se não fôsse a resistência obstinada de Paranhos de Oliveira, teria contado com o apoio do sr. Ademar de Barros.

● SURPRÊSA — Muita gente se surpreendeu com a atitude do «Correio da Manhã», apressando-se em apoiar a candidatura do sr. Juscelino Kubitschek — e isto antes mesmo de ouvir, a respeito, o brigadeiro Eduardo Gomes. O autor do milagre foi o sr. Augusto Frederico Schmidt.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado .... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Discos Voadores

estranho visitante. Em dado momento, o homem pegou um cinzeiro que estava sôbre a mesa e cortou-o com o dedo indicador, como se êste fôsse uma faca afiadíssima! O oficial decidiu, então, tomar notas do encontro, já que estava estarrecido com aquilo tudo. Depois que abriu a gaveta para apanhar papel e lápis e olhou para os lados, não viu mais ninguém. Imediatamente determinou uma série de pesquisas para localizar o estranho indivíduo. As investigações oficiais não surtiram efeito e, por isso, resolveu valer-se dos préstimos de um jornal de Nova York, especializado em apontar o paradeiro de pessoas desaparecidas e achados e perdidos. Quando falou sôbre o assunto com o diretor do jornal, êste lhe disse: «Parece incrível, mas há alguns dias atrás aqui chegou um cidadão, com tôdas essas características, pedindo emprêgo. Como fazemos com todos os que nos procuram, dei-lhe a tarefa de localizar 10 pessoas. Pois imagine o senhor que, no dia seguinte, muito cedo, êle já havia encontrado tôdas as dez pessoas.» O oficial ficou boquiaberto com o relato. E o diretor do jornal prosseguiu: Em vista do acontecido, quis saber por que andara tão depressa. O sujeito respondeu-me pedindo mais trabalho. Dei-lhe nova lista com dez nomes de pessoas de dificílima localização. Pois no dia seguinte lá estava o homenzinho com o trabalho terminado! Perguntei-lhe como fazia para obter êxito em tão difícil empreitada. Êle respondeu-me calmamente: «Falo inglês como o senhor e não sou diferente demais. Não estou sòzinho na terra. Tem muita gente nossa, não só aqui nos Estados Unidos, como também em todos os países do mundo!» Disse isto, virou as costas e desapareceu. Até hoje o diretor do jornal está procurando o empregado mais eficiente que já teve...

Nessa altura, Ivan, um guapo e bronzeado rapaz, filho do coronel Adil, aproxima-se da rodinha. Os discos-voadores empolgam o grupo.

— Êste relato incrível, porém verdadeiro, segundo os testemunhos, prova, nem mais nem menos, que habitantes de outros planêtas já estariam na terra. Isso não me surpreenderia, pois tendo os discos sido vistos pousarem em diversos lugares, não seria nada de mais se visitantes extra-terrenos já estivessem por aqui, — afirma o oficial da FAB.

— O senhor já viu o disco?

— Ainda não (responde o coronel Adil). Mas meu filho, o Ivan, já viu um dêsses objetos, uma semana após ter aparecido o célebre disco da Barra da Tijuca. Êle estava acompanhado de um seu amigo chamado Celso Albuquerque, e ambos ficaram empolgados com a visão de tal aparelho. Diàriamente, chegam ao meu gabinete no Estado Maior da Aeronáutica informações numerosas de pessoas que já viram o disco e de outras que palestraram com gente de outro planêta.

Acredita na predição dos espíritas, segundo a qual, em 1956, os discos-voadores descerão em massa sôbre a terra, numa visita de amigos?

— Qualquer afirmativa nesse sentido seria muito ousada. Os resultados das pesquisas e relatórios até agora apresentados sôbre o caso levam-nos apenas a conclusões parciais. A conclusão final está para vir. Mas de uma coisa esteja certo: nós já estamos muito mais perto da conclusão final.

O coronel ergue-se da cadeira. Tem, ainda, muitas tarefas a cumprir e compromissos outros a saldar. E, despendindo-se do repórter, abre-se num largo sorriso e faz blague:

— De qualquer maneira, procure-me novamente para falarmos sôbre os discos-voadores. Esteja aqui, por exemplo, em 1956, depois da chegada dêles...



Com o repórter, o cel. Adil examina um «dossier» completo referente ao assunto dos discos voadores. De longe, seu filho assiste, interessado.

O JANTAR DE SÔNIA GONÇALVES

Sansão faz a Árvore de Natal Brasileira

PETER

● Embora com atraso, não podemos deixar de registrar o jantar que a sra. Walter Moreira Salles ofereceu aos amigos de sua irmã, srta. Sônia Gonçalves, por ocasião do aniversário desta. Foram cumprimentar a aniversariante, entre outras pessoas, a sra. Baronesa de Wrede, as srtas. Helena Prazeres, Gilda Robichez, Glória Neder, Beatriz Gallembeck, Teresinha Simões Soares e os srs. Murilo Gondim, Waldemar Schiller, Tony Mayrink Veiga e Leopoldo Bittencourt.



No Mosteiro de São Bento, dia 27, a srta. Maria Riza Batista casou-se com o sr. Sérgio G. Dutra. Sôbre a bonita cerimônia, na semana passada, demos notícia.

★ A ÁRVORE, O MUSEU & SANSÃO — Já deve estar exposta a árvore de Natal que o Museu de Arte Moderna encomendou ao artista Sansão Castelo Branco, baseada na mesma que realizou no Hotel Copacabana, durante a Feira dos Decoradores. Dados: 3,20 de altura, instalada num barril de madeira e contará com 2.852 galhos e quase 4.000 cartuchos de papel de sêda, em tons verdes, azuis e brancos. E' um grito de revolta contra as árvores de Natal, de inspiração européia que, mesmo a 40 graus à sombra possuem imitação de neve.

★ DESFILE — No intuito de apresentar sua coleção de fim de ano, onde foram tirados os exageros da moda lançada êste ano, a Casa Canadá fêz realizar um desfile sôbre o qual falaremos demoradamente, na nossa próxima seção.

★ JANTAR — A fim de reunir um grupo de amigos, o sr. e sra. Gurgel Dantas ofereceram um jantar, em seu apartamento. Compareceram diversos casais.

★ DANÇA — Com sucesso apresentou-se, no Carlos Gomes, um grupo de alunos da professôra Clotilde Ferreira Gomes. Clássico, moderno e folclórico.

★ JANTAR INTIMO — O sr. Nero Moura ofereceu um jantar íntimo a um grupo de amigos. Casais Ricardo Fazzanelo e Edilberto R. de Castro, srtas. Ana Rosa e Lourdes Lemos Lessa, sra. Edíala Santo Domingo, sra. Beatriz Carneiro, cronista Antônio Maria, brigadeiro Clóvis Costa, e srs. Dirceu Fontoura e Bento Carneiro.

★ ESCOLA DE ENGENHARIA — O diretor da Escola Nacional de Engenharia convidou para a comemoração do 144º aniversário daquele estabelecimento de ensino. Nesta ocasião, tomou posse o catedrático Júrandir Pires Ferreira.

★ «COCK-TAIL» — Infelizmente, não pude comparecer ao convite que me fizeram o Embaixador do Paraguai e sra. Diaz de Vivar, para um «cock-tail». Soube por pessoas que foram e li nas crônicas especializadas què a reunião fêz sucesso.

★ CLUBE DO CINEMA — O sr. Lourenço Tinoco, dinâmico presidente do clube, continua tomando providências para o melhor funcionamento daquela organização. Agora, imaginou que seria bom (o verão promete ser quentíssimo) uma barraca de praia, bem grande, só para os associados, com jornais, cadeirinhas de lona e artistas dos mais conhecidos. Um domingo em cada lugar, prèviamente marcado.

★ A MAIOR CASA — Está sendo construída no Leblon, no meio da mata, a maior casa residencial da América do Sul. E' conhecida como «a do telhado azul» e pertence a um homem de negócios italiano.

★ ÔLHO CLÍNICO — Na noite do desfile, funcionou o famoso «ôlho clínico» do sr. Celmar Padilha. Estava com a mais bonitinha das modelos.

★ PRISCILA FÊZ ANOS — A bailarina Prescila Pinotti aniversariou. O cumprimento mais especial foi o do sr. Carlos Robichez Pena. Dizem que o namôro já está mais do que firme.

FIGURA DA SEMANA



● O SR. JORGE GUINLE pertence a uma das mais tradicionais famílias brasileiras. Casado com a elegante e bonita sra. Dolores Guinle, tem um filho, Jorginho, com 7 anos. É dos mais viajados dos nossos homens de negócios, indo todos os anos, para a América do Norte ou para a Europa. No I Festival Internacional de Cinema, realizado em São Paulo, foi quem trouxe o maior número e os melhores artistas que compareceram àquele acontecimento: Ann Miller, Jane Powell, Irene Dunne, Walter Pidgeon e outros. E todo êsse sucesso deve-se exclusivamente ao seu conhecimento pessoal, pois é amigo de todos êles. Talvez seja o brasileiro mais bem relacionado em Hollywood.

Respondendo à nossa pergunta, disse que, hoje, é muito difícil apontar a mais bonita atriz americana, mas que, no passado indicaria, sem hesitação, Heddy Lamar. Em suas viagens, conheceu e fêz-se amigo íntimo de cabeças coroadas, artistas mundialmente famosos, pessoas do «Café Society» de todo mundo, e com tôdas funciona a alegria constante o sorriso simpático do nosso entrevistado.

Não há discussão, no Brasil, sôbre «Jazz» que o sr. Jorge Guinle não esteja metido. Autor de «Jazz Panorama», colabora na «Revista de Música Popular», escrevendo uma seção: «Discografia Selecionada de Jazz Tradicional». Sempre que está nos Estados Unidos freqüenta os grandes centros, onde se toca o que êle chama o verdadeiro «jazz», isto é, o que não foi ainda comercializado. Já aprendeu «piston» e hoje, é um bom «baterista».



VINGANÇA NO PRESÍDIO

● Na noite de 28 de novembro, Pôrto Alegre foi abalada por um acontecimento sensacional; o velho prédio da Casa da Correção, hoje intitulada Penitenciária Industrial, na Volta do Gazômetro, achava-se em chamas. Construção datando de 1850, não oferecia condições de confôrto e nem de segurança para os 500 setenciados que nêle se encontravam, foi matéria fácil para ser tragado pelo fogo. Insatisfeitos, não hesitaram êles em lançar mão dêsse recurso extremo, imaginando que a catástrofe lhes facilitasse a fuga. Sitiados no entanto pela Brigada Militar, pela Guarda Civil e pelo Corpo de Bombeiros, renderam-se. Só o prédio ardeu inteiramente, convertendo-se em escombros. (Foto de WYSS SOARES).

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.



ANO 54 — Nº 51 — RIO DE JANEIRO — 18-12-54

Assistente de Publicidade...........J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

FINALMENTE A VENDA O MARAVILHOSO

ALMANAQUE EU SEI TUDO



ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Rio - Lapa

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

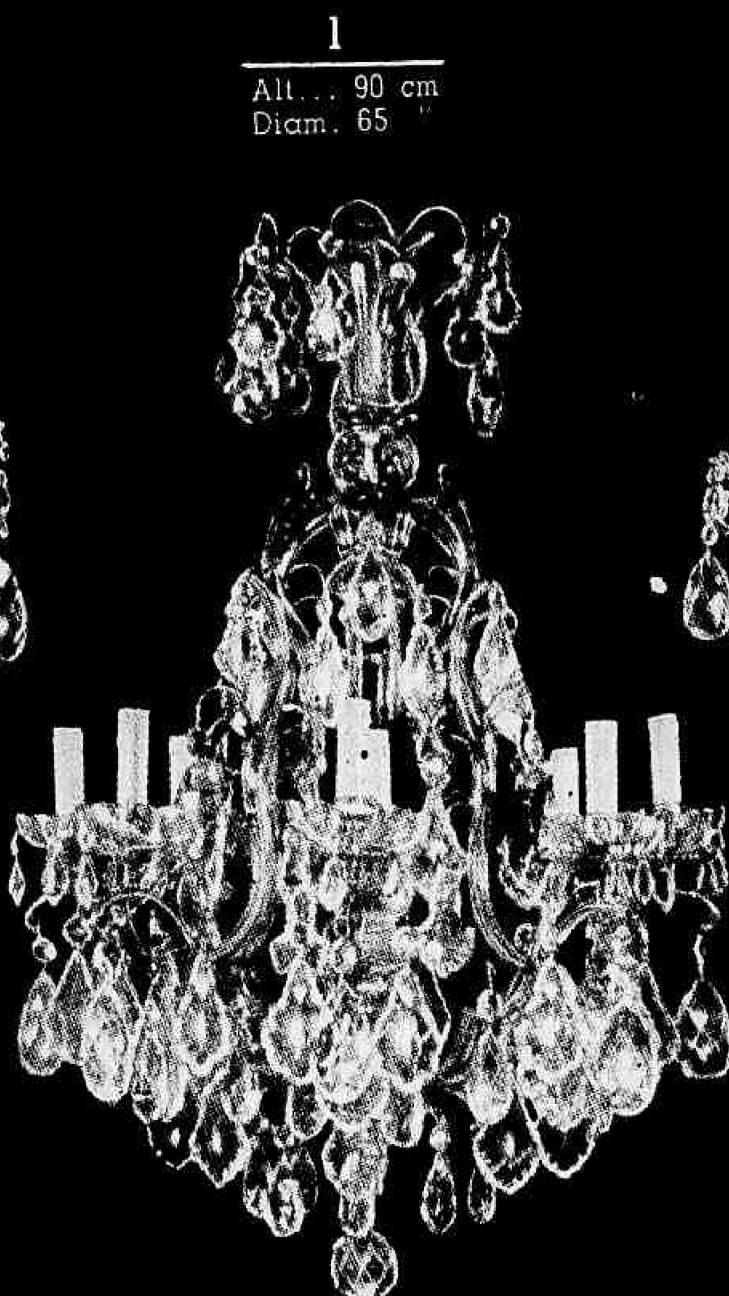
Escolhido da produção de vinte e seis das melhores fábricas européias. Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação direta, o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126
(Junto ao Túnel Novo)
Tel.: 37-1200 — 37-3428



1
Alt... 90 cm
Diam. 65 "



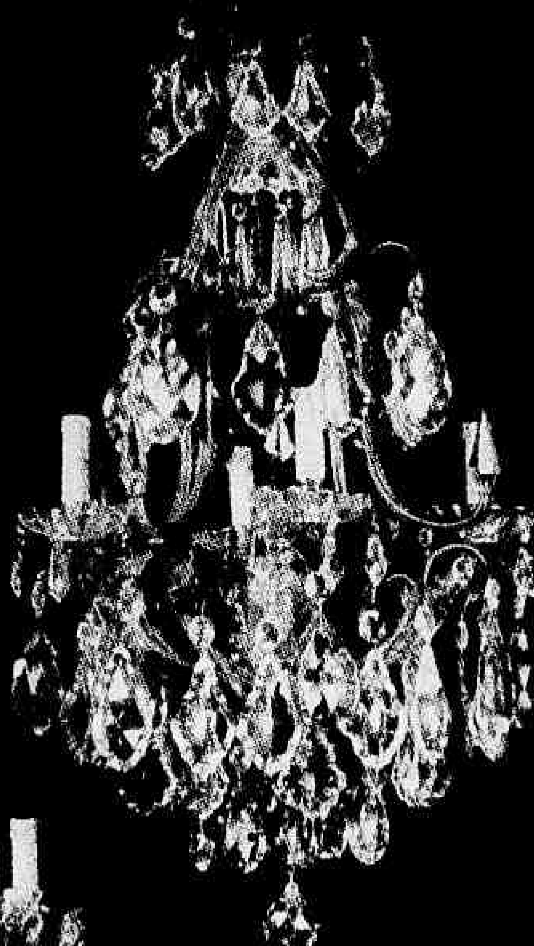
2
Alt... 60 cm
Diam. 48 "



3
Alt... 76 cm
Diam. 56 "

4
Alt... 90 cm
Diam. 64 "





5
Alt... 80 cm
Diam. 50 "

6
Alt... 90 cm
Diam. 62 "



Tamanhos especiais para «hall» de edifícios, hotéis, etc. — Execução sob encomenda.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA SÃO PEDRO, onde encontrará técnicos e decoradores com mais de 15 anos de prática

FACILITA-SE O PAGAMENTO EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 22 HORAS